



1290000191



TCC/UNICAMP So46e

**Universidade Estadual de Campinas**

Faculdade de Educação

Carolina de Castro Sollero

# **E quem quiser que conte outra...**

Campinas, Dezembro de 2002.

**Universidade Estadual de Campinas**

Faculdade de Educação

Carolina de Castro Solleró

# **E quem quiser que conte outra...**

Carolina de Castro Solleró RA 991502

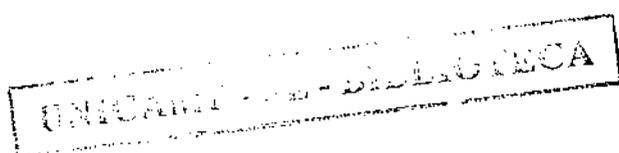
Trabalho referente à disciplina

EP809 A – Trabalho de Conclusão de Curso

Orientação: Prof. Dr. Ana Angélica Albano

Colaboração: Prof. Dr. Ana Luiza Smolka Bustamante

Campinas, Dezembro de 2002.



UNIDADE:	FE
INSCRIÇÃO:	TCC-UNICAMP
	So46e
	191
	124/2003
	X
	1100
	04.11.03
	Bib = 308154

**Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecário: Gildenir Carolino Santos - CRB-8ª/5447

So46e

Sollero, Carolina de Castro.

E quem quiser que conte outra... / Carolina de Castro Sollero. –  
Campinas, SP: [s.n.], 2002.

Orientador :Ana Angélica Albano Moreira.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de  
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Criatividade . 2. Histórias infanto - juvenis. 3. Textos infantis. I.  
Moreira, Ana Angélica Albano. II. Universidade Estadual de Campinas.  
Faculdade de Educação. III. Título.

02-0253-BFE

Dedico esse trabalho aos meus pais,  
José Sollero e Eneida Soller,  
que me dão coragem para lutar.

À minha vovó Nila! Que bom ouvir suas  
histórias...

Ao meu vovô Sollero, eterno apaixonado.

Aos meus irmãos Celo, Lu e Davi.  
Amo vocês demais!

## **Agradecimentos**

Ao Deus Eterno, o primeiro e perfeito Criador;

Aos meus pais, por seu carinho e por suas idéias;

Aos meus irmãos Celso, Lu e Davi, e à minha avó, dos quais amo estar em companhia;

Sem a ajuda deles seria muito mais difícil a realização desse trabalho:

À Nana, minha orientadora que me deu coragem para ousar nesse trabalho; à Ana Smolka que se dispôs a ser minha segunda leitora estando de licença; à Luciana, amiga da Nana, que foi tão empenhada em me ajudar na reta final do TCC; à minha irmã Lu pois mesmo de tão longe foi tão atenciosa comigo; ao meu pai, que me deu ótimas dicas de computador para adiantar o meu trabalho.

Aos amigos que tornam minha vida muito mais feliz:

À Tamy, por tantos bons momentos, inesquecíveis, que passamos juntas!

À Edilaine, mesmo de longe, sempre amiga!

À Livia, que bom tê-la conhecido!

À Miriam, que sempre admirei!

À Selma por quem tenho tanto carinho!

À Breila, que grande companheira!

À Bia, minha amiga inteligente!

Cada um é tão especial!

Erthal, Carlos, Marina, Lud, Clarissa, Thiago, Geraldo, Hasui, Fernando  
César, Cíntia;

...e meus amigos da faculdade?

Iracema, Paty Reis, Rafaela, Ana Cristina, Thais, Paty Ambiel,  
Marcelo, Clécios, Eduardo, Paty Machado, Cíntia.

## ÍNDICE

1. Introdução.....	1
2. Uma nova página na história.....	5
Considerações sobre o texto.....	9
3. Historiando.....	10
A delícia de usar as palavras .....	10
Andem por caminhos novos.....	14
Roda de história.....	20
Inspiração.....	23
4. Depois das histórias vividas, outras histórias virão.....	27
Bibliografia.....	39
Anexos	
A. Não sei o que é .....	42
B. Índice de outras histórias .....	45
C. transcrição da fita .....	55

## Introdução

Essa é a minha história com as crianças da quarta série do colégio José Pedro de Oliveira, que fica na entrada do distrito de Barão Geraldo em Campinas. É uma escola estadual localizada bem atrás do Terminal de ônibus e que ocupa um imenso quarteirão.

Na entrada há um corredor imenso que em cada lateral é acompanhado por outro corredor escondido por muro onde ficam as salas de aula. Todos os corredores dão abertura ao pátio que dispõe de três espaços diferentes. Depois do corredor de entrada encontra-se a primeira parte do pátio que é uma área quadrada coberta. Um espaço *graaaaande* todo cimentado... Do lado direito havia duas mesas compridas e um palco, os dois de cimento. Há também um palco embutido no canto desse grande quadrado, com uns dois metros por dois, encostado na parede! Do lado esquerdo existe uma outra entrada para a escola, uma entrada discreta, que segue para a secretaria, a coordenadoria e a diretoria. Há também um outro corredor bem estreito que leva à sala de professores e à biblioteca.

Voltando para essa primeira parte do pátio, andando mais um pouquinho e descendo um degrau começamos a pisar na terra. Uau!! É um espaço muito maior, umas três vezes o primeiro. No final dele encontra-se uma árvore enorme com galhos bem firmes e alguns cipós caindo dos galhos e em volta do tronco. Chegando nele e olhando para a direita dá para ver um campinho, o bom e velho campinho de futebol!

Quando fui à escola pela primeira vez, fomos eu, meu coração e minha mochila. O coração estava agitado. Feliz, desconfiado, esperançoso, curioso e às vezes angustiado. A mochila estava sossegada. Nela havia uma idéia, uma proposta, algumas perguntas, discussões, lembranças, conversas com professores e amigos, dezenas de livros, músicas, muitos teóricos e muitos poetas. Todos esses comigo, entramos.

O que seria de mim a partir de então? Será que alguma professora me aceitaria como estagiária dessa escola? Não havia ouvido falar de ninguém que tentara estágio ali. Conversei primeiro com a diretora, que logo me indicou para falar com a coordenadora, que me explicou que quem aceitava estagiários ou não eram as próprias professoras. Disse-me que não era a hora nem o dia certo para encontrá-las.

Entrei de mãos vazias e saí com uma possibilidade. No coração batia a vontade de inovar.

Já tinha na lembrança um conto que havia escrito na oitava série...

*Tanzânia, uma mulher africana, chegou a S. Paulo. Ela tinha um andar muito diferente do comum, um rebolado que balançava e tinha ritmo para tudo. As pessoas a olhavam e estranhavam o seu modo. Tinha gente que a empurrava, pois ela andava muito devagar, outros esbarravam nela e passavam a sua frente, enquanto ela continuava no seu andar tranqüilo.*

Parecia um sonho... Essa era uma mulher que eu havia criado e que sempre voltava a minha mente. A sua imagem, o seu balançado, sua cor. Ela era a descrição de tudo que eu admirava e amava. Era exótica, dançarina, ousada e se destacava no meio da multidão.

Convidei-a para ir junto comigo na escola.

Lá estava eu novamente entrando por aquele portão discreto ao lado da secretaria. Estava na hora do almoço, saída das crianças da manhã. Olhei para aquele pátio, havia algumas crianças correndo e brincando, outras indo embora. Virei a esquerda e fui em direção à sala de professores. Tanzânia ficou a minha espera lá no pátio, sentada em um dos banquinhos. Ela não precisava se preocupar pois eu estaria levando nossas idéias às professoras.

Cheguei na sala e entrei. Comecei a falar com as professoras do meu desejo de estagiar lá. Uma delas foi prontíssima a me receber.

-Eu adoro receber estagiárias! – disse ela

Difícil encontrar alguém assim! Seu nome era Lucia. Professora Lucia! Mostrava-se confiante em me receber e me dava segurança de ter altas expectativas para trabalhar com ela! Sim, eu poderia apresentar algo novo. Disse-lhe:

-Gostaria muito de trabalhar criando histórias com as crianças. Literatura, jogos e outras atividades podem auxiliar bastante, pois sensibilizam o nosso olhar. Já passei por experiências, conheci e li sobre outros professores que incentivavam a escrita nos alunos de formas diferentes. Gostaria muito de trazer isso para eles.

A aceitação dela foi grande. Que bom!! Seria uma jornada de quatro meses. Combinei com ela o dia que eu estaria lá: sexta feira de manhã. Será que eu conseguiria proporcionar às crianças momentos de prazer com esse código escrito que usavam tantas vezes?

Saí da sala dos professores e fui encontrar Tanzânia no pátio. Que linda. Claro que ela não ficaria sentada me esperando! Estava andando próxima à árvore. Chamei-a e fomos embora conversando, trocando uma idéia sobre o que ela havia visto e o que eu havia conversado com a professora.

-Encontrei alguns lugares para desenvolver o que estamos planejando! – disse-me. E começou a descrever alguns pontos da escola.

-O que você acha da sala da biblioteca, Tanzânia?

-Ah... muito pequena, espremida; as crianças vão precisar se concentrar para não fazerem muito barulho, tudo isso tira liberdade, pode constranger, gerar tensão ... sei não... e você sabe, não gosto de lugares fechados. Que tal perto da árvore?

- Ah..., Tanzânia. Lá também não. Você tá certa sobre a biblioteca, mas lá também não dá. As crianças vão dispersar muito. Vai ser difícil segurar a atenção da meninada e chegamos para um trabalho específico; para construir histórias com essas crianças, instigar a criatividade de maneiras diferentes. Tensão realmente não é bom, mas perto da árvore acho que vai dar mais confusão do que atenção.

Era melhor dar um passo de cada vez! Decidimos então pelo pátio coberto, onde ficava o palco. Um espaço aberto mas, por uma questão de altura, delimitado.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Ana Angélica Albano, pintora, professora de didática para artes plásticas na Faculdade de Educação da Unicamp, diz que "Para criar é necessário mudar, perturbar, modificar a ordem existente... Uma educação autêntica re-ordena." (1984:113)

## Uma nova pagina na história

"Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas e muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e compreensão do mundo..." (ABRAMOVICH,1983:16 ).

Lá fui eu na sexta feira. Pedi que Tanzânia fosse comigo pelo menos nesse primeiro momento para que as crianças pudessem entender a proposta que estava levando a elas. Tanzânia entrou comigo. Deixei que se apresentasse para Lúcia, queria muito que elas se conhecessem. Depois Tanzânia saiu e ficou esperando lá fora no lugar em que íamos conversar com os alunos. Saí com metade da sala de cada vez, eles eram quinze<sup>2</sup>.

Sentamos em roda em cima do palco. Todos prestaram a maior atenção na história que Tanzânia contou a respeito de sua vida.

---

<sup>2</sup> Albano comenta em seu livro um dos problemas encontrados pelos professores para desenvolver seus trabalhos com as turmas: "... nos defrontamos com outro problema: estas pessoas encontram cada classe apenas 50 minutos por semana. Como, em geral, o número de alunos por classe é bastante grande, o professor tem muita dificuldade em desenvolver um trabalho satisfatório" (Albano, 1984:76)

## **Não sei o que é**

*Carolina de Castro Sollero*

*(...)*

*No dia de chegada, Tanzânia tinha que arranjar um lugar para se acomodar, pois não podia dormir na rua. Pegou um ônibus, sentou-se ao lado de uma mulher e começou a fazer comentários, com um jeito mole, sobre a cidade de S. Paulo.*

*-As pessoas aqui têm um corpo duro para andar, não?*

*Regina, a mulher que estava sentada a seu lado, olhou-a estranhamente, e defendeu-se:*

*-Isso é porque nós, aqui em S. Paulo, temos sempre alguma coisa pra fazer. A gente não pára para prestar atenção no jeito de andar ou qualquer outra coisa, temos mais o que fazer – pausa – Você é de onde?*

*(...) Elas desceram juntas do ônibus.*

*Continuaram conversando e quanto mais a negra Tanzânia falava, mais Regina gostava dela. Mas havia algo de muito diferente que estava acontecendo ali. Diferente e engraçado. A negra ia no seu ritmo normal, meio devagar, tranqüila, com um reboado bem diferente. Já Regina ia bem depressa e quando olhou para Tanzânia já estava longe. Então voltou e tentou andar devagar, mas sempre andava um pouco na frente.*

*Chegando à casa de Regina, que aliás era uma casa bem moderna e cheia de detalhes arquitetônicos, Tanzânia entrou e, por a casa ser daquele modo, com nenhum detalhe natural, ela começou a sentir uma falta de ar muito grande, como se ela estivesse com asma.*

*-Você está bem? – perguntou Regina.*

*Tanzânia não respondia, já indo em direção a outro cômodo. Foi quando abriu a primeira porta e viu um lindo jardim que foi a cura*

para sua falta de ar. Era um jardim muito bonito, com todos os tipos de plantas possíveis: árvore de romã, macieira e outras árvores dignas de um pomar. No fundo havia um grande chorão que derrubava os seus cipós por todo o jardim. As árvores faziam um túnel e o lugar estava todo iluminado.

Nesse lugar, Tanzânia começou a balançar o corpo, rebolando o tronco e balançando os braços de um lado para o outro seus joelhos flexionados e todo o seu corpo entrou num ritmo muito gostoso.

Regina não entendeu bem, mas estava percebendo que não tinha consideração pelas suas coisas. Pensou então: será que eu preciso fazer alguma coisa para mudar minha situação? Parece até que esqueci o meu próprio corpo..."

-Você não vem pra cá? – perguntou Tanzânia.

(...) As duas saíram de casa e na rua todos começaram a notar a diferença entre ser racional demais e ser subjetivo. As duas balançavam os seus corpos de acordo com as coisas que viam em volta.

Chegaram ao centro de S.Paulo e lá as pessoas começaram a fazer uma roda nas duas. Regina, vendo a multidão começou a bater os pés num ritmo e Tanzânia, que gostou da iniciativa, fez o mesmo.

Mais pessoas entraram na roda, e assim começaram a rebolar num ritmo muito gostoso. Depois trouxeram panelas e copos, fizeram uma bonita música para dançar.

Regina virou-se e olhando a multidão percebeu que perdera a negra, saiu correndo e a procurou em toda à parte, de repente a viu muito longe, no seu gingado gostoso, caminhando e a cada momento ficando transparente e desaparecendo. Regina deu um sorriso e voltou ao meio do povo para continuar a dançar.<sup>3</sup>

Sim, depois de ter contado a história na escola ela foi embora, foi andando em direção à área maior do colégio e foi desaparecendo. Ela já tinha deixado a sua idéia. Agora mais pessoas podem guardar a magia e o ritmo novo que ela têm e deixa dentro de nós.

Escrever esse conto havia me acompanhado desde quando eu terminei a oitava série. A experiência com escrever esse conto me inspirou!<sup>4</sup> Pude reconhecer-me como escritora. De tempos em tempos relia o conto, ao reler reconhecia nele minha vida na época que o escrevi. Tudo isso me fortaleceu para inspirar as crianças. *Queria que elas também se descobrissem como contadores de história.*

Antes de iniciar o trabalho li alguns livros sobre atividades que poderiam instrumentá-los em diferentes formas de narrativa. Outras foram pensadas durante o processo. Tinha como base livros que discutiam como se dar a criação de histórias por crianças ou adolescentes. Conversei com formandas e alunas graduadas da faculdade de Pedagogia da Unicamp que trabalhavam com alfabetização de adultos e crianças de 1ª a 4ª série e com professores da faculdade. Os diferentes recursos me ajudaram a planejar aulas em que os alunos pudessem encontrar sua forma de escrever.

---

<sup>3</sup> O conto em sua integridade está a disposição em anexo

<sup>4</sup> Albano comenta em seu livro sobre a necessidade da experiência na linguagem para ter capacidade de ensinar essa linguagem. "Impossível falar acerca de um processo que não se viveu" (Albano,1984:96)

## **Considerações sobre o texto**

Quanto à linguagem utilizada no trabalho, é preciso esclarecer que optei por uma linguagem informal para a apresentação das idéias e pensamentos aqui dissertados. Quanto à linguagem das crianças, é preciso dizer que optei por não corrigir seus textos sintaticamente ou gramaticalmente: a pontuação e as palavras estão aqui como em seus textos originais, para que cada texto não perdesse sua personalidade (Ostrower, 1987:53) . A intervenção, por melhor intencionada que seja, pode trazer alterações subjetivas do corretor. Os erros fazem parte da realidade dessas crianças, corrigi-los nesse trabalho seria esconder parte de quem elas são, seria falsificá-las. Quero mostrar e apresentar a realidade desses tempos de trabalho.

No texto citarei diferentes pensadores estudados nesses anos de curso, anotações feitas nos cadernos de campo, transcrição de trechos de fitas gravadas em aula com as crianças e, o mais importante, histórias criadas e contadas pelas crianças. Algumas dessas histórias não estarão no texto em sua totalidade mas poderão ser encontradas em anexo.

Quanto à transcrição da fita, optei por escrever as palavras da forma como foram faladas. A linguagem oral possui suas peculiaridades. Em alguns casos buscarei também descrever atitudes das crianças que ocorreram durante a gravação. A mesma será encontrada em anexo em sua integridade.

## Historiando

### A delícia de usar as palavras...

“O professor dá os recursos, mas não o discurso”  
(Albano, 1990)

No primeiro dia a proposta era que as crianças escrevessem sobre algo que era do cotidiano delas mesmas, que criassem a partir do que lhes interessava no cotidiano. Cotidiano?!? Muitas não conheciam essa palavra. Não podemos esquecer que as crianças estão numa fase de aquisição de linguagem e que a associação com signos que já reconhecem é essencial para que elas reconheçam significado e aprendam. Expliquei então que o exercício era para que criassem a partir do que lhes interessava no seu dia-a-dia. Para alguns alunos expliquei várias vezes o que era.

“Quando Gabriel entendeu o que era ‘cotidiano’ desencadeou a falar e não parava para ouvir o fim da explicação. Começou a descrever o dia dele desde a hora que acordava até a hora que ia dormir, em detalhes. Achei impressionante. Fiquei um tempo quieta, só escutando a rapidez com que ele descrevia cada momento com tantos detalhes.”<sup>5</sup> Depois disso terminei a explicação e Gabriel escreveu sua história.

Não foi difícil para a maior parte das crianças criar. Cada uma se colocou diante do seu papel e escreveu. Claro que na prática não é tão simples... Como ser criança sem brincar?

No primeiro momento, enquanto alguns alunos começavam a escrever, alguns conversavam, outros corriam pelo pátio e alguns meninos brincavam de brigar, além dos que brigavam mesmo. Isso também é consequência de trabalhar fora de sala de aula. Nossa! Que fazer?

---

<sup>5</sup> Dia 13/03/2002 – primeiro dia de estágio: leitura do conto “Tanzânia”

Chamava um aqui e outro acolá. Andava pelo meio deles e conversava para ver se estavam escrevendo...

“(...) o problema não reside apenas no código em si, mas na maneira como é ensinado.(...) se a alfabetização se torna opressiva, é pela maneira como ela é ensinada (...) [a sensação da criança é que]. “Dizer a sua palavra é em última análise a possibilidade de se apropriar do código verbal, para criar com ele a sua própria fala. ”(Albano,1984:72)

Durante esse primeiro trabalho, as crianças muitas vezes pediam uma opinião sobre o que estavam escrevendo. Minha reação era positiva, era de incentivá-las sem corrigir em um primeiro momento. Era de incentivar a liberdade para aumentar a autoconfiança de cada uma nessa arte em que tantos por toda a vida sentem-se inseguros. As risadas dos colegas estavam presentes, mas comprovei que essa forma não-opressiva de reagir incentivava tanto quem perguntava quanto todos os outros alunos que ouviam. É perceptível aos olhos de quem quiser ver que, com essa liberdade, os alunos começam a descobrir uma nova brincadeira: brincar de escrever.

“De acordo com as afinidades, as aptidões e os íntimos interesses cada pessoa sente em si, senão especificamente ao menos em termos gerais, em que áreas poderia caminhar para se desenvolver. Por onde deveria caminhar. *As potencialidades existentes constituirão sua própria motivação; serão uma proposta permanente do indivíduo, uma proposta de si para si.*” (grifo da autora, Ostrower,1987:30)<sup>6</sup>

Lendo os textos em casa percebi que alguns se apropriavam das idéias do conto lido a eles inicialmente: uma “pessoa diferente” que surgia do “nada”, um lugar exótico. Umas descreviam seu cotidiano, outras contavam uma história que havia ocorrido no seu cotidiano. Muitos narravam descrevendo a si mesmo como um dos personagens da sua

---

<sup>6</sup> Fayga Ostrower percorreu em seu livro “Criatividade e Processos de Criação” o processo criativo. Essa escritora se interessou a discutir o processo criativo com toda densidade e profundidade; uma artista plástica, “Portanto, para ela o problema da criatividade não se apresenta não meramente

história<sup>7</sup> (histórias reais ou não). A seguir vejamos um trecho da história da Adriana. Essa aluna aproveitou da idéia de criar um nome diferente e inventou um lugar exótico para se passar sua história...

*Adriana Y.*

*Jkianin uma história diferente*

*Oi!*

*Meu nome é Adriana e tenho 9 anos toda segunda a sexta-feira vou escola, em uma terça-feira nossa escola viajou para um lugar distante, até parecia outro mundo lá conhecemos muitos tipos de plantas e flores era como um imenso jardim até parecia um sonho. Enquanto eu via uma orquídea roxa esbranquiçada, derrepente saiu de uma macieira uma menina com cabelos negro lisos*

*-Oi meu nome é Jkianin e seu daqui, gostaria de te mostrar a verdadeira natureza.*

*Naquele momento me senti leve como uma pena fechei os olhos e acordei em cima de uma folha de bananeira que estava no chão, Jkianin falou com um jeitinho carinhoso:*

*-Você quer chá de ervas?*

*e eu:*

*-Sim muito obrigada, mas onde estamos?*

*e ela:*

*-Num paraíso tropical.*

*Lá vivi anos muito feliz, lá não havia maldade nem malícia, meus pais foram morar lá, e foi muito bom.*

*Jkianin*

*uma história diferente*

---

como objeto de uma reflexão teórica; antes, é o cerne de uma experiência vital.”(orelha de seu livro)

<sup>7</sup> histórias em anexo

Já num próximo exemplo veremos que há partes que se assemelham muito ao meu conto, lido para eles. Prieto (1999) diz que

"decorar uma narrativa ou um poema é uma forma de possuí-los".

Ou seja, nada tem de errado ou de pouco precioso: a nova história escutada passa imediatamente a fazer parte do mundo de quem a escuta. Vejamos o exemplo de Julia, que justamente fez do conto escutado mais do que parte da sua história:

*Julia*

*"Era uma vez uma menina que se chamava Renata. E tinha duas irmãs. Uma delas encheia o saco.*

*Mas Renata mesmo assim ama elas. Um certo dia ela estava no ônibus e sentou uma negra e comesou a conversar com ela. O nome dessa negra era Giorgia. E a Renata comesou a conversar com ela, e a Renata perguntou:*

*-De onde você é? E ela respondeu: -Eu sou do Maranhão. E ela falou:*

*-Meus pais fizeram um desafio seureto. E Giorgia foi até a casa dela e se sentiu prisioneira, mas ela comesou a ir de um cômodo ao outro e chegou ao jardim e comesou a desapareseu"*

Mesmo antes de levar o meu conto às crianças, já sabia da intertextualidade que há entre os textos. É interessante que o texto das meninas dialogue com o meu claramente e que, neles, as alunas trazem a si mesmas.

## Andem por caminhos novos...

"Por que motivo as crianças, de modo geral, são poetas e, com o tempo deixam de sê-lo? Será a poesia um estado de infância relacionado com a necessidade de jogo, a ausência de conhecimento livresco, a despreocupação com os mandamentos práticos do viver, estado de pureza da mente em suma? (...) Mas se o adulto, na maioria dos casos, perde essa comunhão com a poesia, não estará na escola, mais do que qualquer outra instituição social, o elemento corrosivo do instinto poético da infância, que vai fenecendo à proporção que o estudo sistemático se desenvolve, até desaparecer no homem feito e preparado supostamente para a vida? – receio que sim. A escola enche o menino de matemática, de geografia, de linguagem, sem, via de regra, fazê-lo através da poesia da matemática, da geografia, da linguagem. A escola não repara em seu ser poético, não o atende em sua capacidade de viver poeticamente o conhecimento do mundo."(Carlos Dummond de Andrade apud Albano, 1984:73)

Na aula seguinte, logo que cheguei à sala, a professora Lucia saiu e me deixou sozinha. Foi só ela sair que a sala virou um falatório geral. Pedi silêncio algumas vezes, depois desisti. Convidei a dois alunos que lessem a história do livro *Gramática da Fantasia* em voz alta para a sala. O Gabriel e a Gabriela:

*"Luz" e "sapatos".*

*"Tinha um menino que sempre punha os sapatos do seu pai. Uma noite o pai do menino ficou cansado de ficar sem sapatos, então pendurou o menino na luz, mas quando deu meia noite o menino caiu, então o pai dele disse: '-O que será, um ladrão?'*

*Foi ver e encontrou o menino no chão. O menino tinha ficado todo aceso. Então o pai experimentou girar-lhe a cabeça e ele não apagava, experimentou puxar-lhe as orelhas e ele não apagava, experimentou dar-lhe um apertão no nariz e ele não apagava, experimentou puxar-lhe os cabelos e ele não apagava, experimentou cutucar-lhe o umbigo e ele não apagava, experimentou tirar-lhe os sapatos fora e conseguiu: o menino se apagou." (Rodari, 1987:24)*

Poucas crianças ouviram da primeira vez, mas um dos que ouviu disse:

- Eu acho que isso é uma piada!

Ri por dentro. Era isso mesmo que eu queria, despertar-lhes essa sensação de estranhamento, era uma idéia exótica vinda de um livro. Depois desses comentários a sala se aquietou, todos queriam ouvir a história de novo. Eu a li. Foi risada geral! Que bom!

A idéia do “binômio fantástico” era criativa: inventar uma história a partir de duas palavras que não tivessem uma relação explícita. Essas palavras podem ser dadas pela professora ou mesmo escolhidas pelos alunos. Rodari, um professor de italiano para crianças<sup>8</sup>, explica com mais detalhes desse jogo em seu livro (1987:24-26). A história “Luz e Sapatos” foi inventada por um menino de cinco anos e meio, com intervenção de outros três amigos do maternal.

Um dos motivos que eu quis levar o livro foi mostrar aos alunos que era possível eles escreverem algo doido, que não necessariamente estivesse preso às regras do que é “normal” de se ver por aí, e escrever uma história “legal”. Por estar num livro<sup>9</sup> e ser uma idéia fora do padrão, os alunos poderiam valorizar suas próprias idéias. Isso iria desmitificar o respeito exacerbado pelo que está escrito e ao mesmo tempo incentivá-los.

Escolhi outros dois alunos para escrever duas palavras na lousa. Não poderiam olhar um o que o outro estava escrevendo. Lá estavam então duas novas palavras: Sol e bola. Seria mera coincidência?

---

<sup>8</sup> Gianni Rodari começou a lecionar em 1937/38 na Itália, lecionou por alguns anos. Participou de atividades políticas (por ex. Resistência e logo após a libertação da Itália). Teve uma parte de sua carreira ligada a atividade jornalística e voltou a se envolver, quase que por acaso, com escrever para crianças em 1948. Esse autor deu uma grande importância à criatividade em seu trabalho e buscou mostrar o quanto é preciso dar prioridade a ela no processo educacional.

<sup>9</sup> Maurizio Gnerre em seu livro “Linguagem, Escrita e Poder” (1987), Leme Brito e Heitor Barzotto discorrem a respeito da “Promoção x mitificação da leitura” (1998:3)

“Sol e Luz”, “Sapatos e bola”... As crianças rapidamente fizeram associações com coisas do seu dia a dia. Henri Matisse diz em seu texto “Olhos de criança” que

“Criar é exprimir o que se temem si. Todo esforço autêntico de criação é interior, o que se faz com a ajuda alimentar seu sentimento, o que se faz com a ajuda de elementos tirados do mundo exterior.”

Idéias bem interessantes apareceram daquelas duas palavras. Aqui estão alguns dos textos que as crianças fizeram:

*Caroline*

*“Há muitos anos atrás o Sol quis ter um filho, ele viu muitos objetos mas nenhum parecia seu filho, até ele ver uma bola amarela e vermelha.*

*O Sol fez a bola virar Sol também.*

*Depois de muitos anos o filho do Sol ficou maior que o Sol, e como o Sol (pai) estava muito velho e ele morreu, daí seu filho como era imortal ficou até hoje reinando. Então nosso Sol já foi uma bola amarela e vermelha.”*

*Pedro M. Xavier*

*“Um dia uma bola estava caminhando caumamente pelos campos.*

*Ela andava até quando algu lhe chamou era o sol. A bola olhou para o sol e perguntou*

*- Quem e você*

*O Sol respondeu*

*- Eu sou o Sol aquele que ilumina o dia e se Poe a noite*

*Os dois foram passear, um conversando como outro eles formaram grandes amigos daí a noite foi chegando e o Sol teve que se despedir da bola. O Sol falou*

*- Nunca me esquecerei de você*

*-Eu também nunca me esquecerei de você a bola falou.*

*- O Sol foi embora.”*

*Adriana*

*“Carla é uma menina que joga futibol e toda vez que ela passava cantavam para ela assim:*

*La vem a Carlita*

*Muito cabritita*

*la ia ó ó*

*Com sua bolita*

*la ia ó ó*

*Mas aí Carlita*

*Desmaiou a luz do Sol*

*la ia óóóóó.*

*A Carla dizia:*

*- Hump tchau, vou bater um bolão!”*

*Fellipe*

*“Um belo dia as estrelas estavam jogando bola quando derrepente o sol chego e falou:*

*- Venham almoçar meus filhos.*

*E um deles exclamou.*

*- A pai nós não estamos com fome.*

*Então o sol falou:*

*- Está bem vocês ficarão o dia todo sem comer só jogando bola.*

*E todos falaram*

*- Esta bem muito bem.*

*E ficaram o dia todo jogando, daí chegou a lua e disse:*

*- O que está acontecendo, vocês estão com fome?*

*- Estamos*

*E depois nunca mais aconteceu isso”*

*Paula K.*

*“Um garotinho a bola e o espaço*

*Um garotinho saiu de casa com sua bola e foi brincar no jardim olhou pro céu e viu o imenso e brilhante Sol olhou pra sua bola e: Resolveu pinta-la de amarelo depois esperou secar pegou sua canetinha hidro cor laranja e fes os riscos do Sol e depois tentou chutar sua bola até o Sol mais sua bola não chegava la no auto o menino ficou triste quando foi dormir nomeio da noite vil um clarão muito forte e era a Lua, o menino ficou assustado mas a Lua falou*

*- Não fique assustado quero te levar para o espaço*

*- Mas como? O menino perguntou*

*- A pode deixar, coloque o agasalho e suba em mim*

*- Tabem, o menino respondeu.*

*- Vamos bola*

*- O Lua podemos ir até o Sol?*

*- Não o sol é muito quente.*

*- A pede para ele abaixar o fogo!*

*- Não da ele é muito mal morado.*

*E assim o garotinho e a bola conheceram toda o espaço, voltaram e o menino sonhou com tudo isso.”*

Os alunos estavam criando, expressando suas idéias e sentimentos.

“Lápis, caderno, chiclete, peão  
Sol, bicicleta, skate, calção  
Esconderijo, avião, correria,  
Tambor gritaria, jardim, confusão  
...  
Giz, mertiolate, band-aid, sabão  
Tênis, cadarço, almofada, colchão  
Quebra cabeça, boneca, peteca,  
Botão, pega-pega, papel, papelão...”  
Criança não trabalha  
Paulo Tatit e Arnaldo Antunes

Os alunos estavam criando, expressando suas idéias e sentimentos, o que era essencial. O próximo passo era terem maior aquisição do esqueleto da gramática para comunicar aos seus leitores o que desejavam! Como Luís Fernando Veríssimo, grande escritor dos nossos tempos, escreveu,

“a Gramática é esqueleto da língua(...) [E mais]: É o esqueleto que nos traz de pé, certo, mas ele não informa nada, como a Gramática é a estrutura da língua mas sozinha não diz nada, não tem futuro.” (Veríssimo, 1993:15)

Quando o leitor não compreende as idéias passadas num texto, logo perde o interesse. A pontuação e todas as outras regras gramaticais podem facilitar – ou dificultar – essa compreensão. Há, sem dúvida, grandes escritores que renovaram na escrita e quebraram regras gramaticais e mesmo assim, fizeram-se entender. Os escritores do século XX são os maiores exemplos. Mas, como dizia nosso poeta modernista, Oswald de Andrade “Quebro as regras porque as conheço muito bem!”. Justamente pelo conhecimento das regras, esses escritores sabem até onde podem ir com suas “revoluções lingüísticas” sem que o leitor se perca. Vejamos rapidamente exemplos do texto mais famoso do único prêmio Nobel em língua portuguesa:

In: Ensaio sobre a cegueira

“Tão longe estamos do mundo que não tarda que comecemos a não saber quem somos, nem nos lembramos sequer de dizer-nos como chamamos, e para quê, para que servir-nos os nomes, nenhum cão reconhece outro cão, ou se lhe dá a conhecer, pelos nomes que lhe foram postos, é pelo cheiro que se identifica e se dá a identificar, nós aqui somos como uma raça de cães, conhecemo-nos pelo ladrar, pelo falar, o resto, feições, cor dos olhos, da pele, do cabelo, não conta, é como se não existisse, eu ainda vejo, mas até quando.”

“Já lá dizia o outro que na terra de cegos quem tem um olho é rei. Deixa lá o outro, Este não é o mesmo, Aqui nem os zabolhos se salvariam (...) O outro também dizia que quem parte e reparte e não fica com a melhor parte, ou é tolo, ou não tem arte, Merda, acabe lá com o que o diz o outro, os ditados põem-me nervoso”<sup>10</sup>

Para que os alunos pudessem então ter esse re-olhar nos seus textos, para a aula seguinte, digitei-os no computador. Dessa forma poderiam ter uma outra imagem da sua escrita, grifei algumas passagens do texto em que eles não respeitavam a norma culta da escrita tanto na pontuação quanto na ortografia. Essa aula foi importante para ajuda-los a ganhar mais esqueleto gramatical. Eles re-escreveram os textos refletindo no que haviam escrito anteriormente, para isso perguntavam para o colega do lado, chamavam a mim e a professora.

Esse trabalho de correção envolve alguns fatores importantes que precisam ser desenvolvidos com uma turma: a auto-reflexão sobre um texto que já estava pronto; cooperativismo entre os alunos; a necessidade de consultar tabelas de verbos; e a compreensão da importância da gramática para servi-los no que desejam expressar.

---

<sup>10</sup> Saramago, José, *Ensaio sobre a cegueira*

obs: o texto foi copiado *ipsis litiris* do original de José Saramago.

## Roda de história coletiva

Outro momento de criação que levei às crianças foi a "roda de história coletiva". A idéia de levar a roda veio de oficinas em que participei. Uni essa idéia à da utilização de um gravador na escola, por ser a forma mais apropriada de registro de uma história oral.

A roda de história coletiva é um jogo. A história se inicia com um dos integrantes da roda e a pessoa ao lado dela deve dar continuidade. Pode existir uma pessoa do lado de fora da roda que estipula o tempo de criação de cada um (através de uma palavra, por ex: "próximo", um gesto, uma palma).

Segue a transcrição da fita no dia de trabalho.

*"(...)*

*Caru: Então é o seguinte... O que a gente vai fazer aqui é assim: a gente vai voltar a brincar com história, só que hoje a gente não vai escrever.*

*Alunos: Eba!*

*Caru: Eu vou começar uma história e aí depois (apontando para a pessoa que estava no meu lado) ela vai continuar, depois ela vai continuar, depois ela vai continuar, depois ela vai continuar...*

*Aluna: iiiiiiiiii*

*Outra: Ah não, eu não vou...*

*Outro: Eu que não...*

*Outro aluno: Então sai daqui ô!*

*Caru: Calma... gente, péra um pouquinho. Eu vou começar."<sup>11</sup>*

Para trabalhar com as crianças não controlei o tempo, pois já de início surgiu a questão da obrigatoriedade de continuar a história. Controlar o

tempo seria complicar mais e isso não era necessário. Como meu objetivo era que eles se sentissem à vontade para criar, desliguei o gravador por um instante estabelecendo novas regras para o jogo: *“Fale quem quiser continuar a história na ordem que o gravador fosse passando!”* Quem desejasse poderia criar sua parte da história quando lhe chegasse o gravador em mãos.

Antes de começar a gravar a história, perguntei às crianças onde ela se passaria. Foi uma bagunça... Cheguei com idéias de lugares e eles decidiram onde poderia ser. Eles decidiram pelo castelo.

*“Caru: Castelo, como vai ser esse castelo?”*

Perguntei a eles também a respeito de como seria em volta do castelo e quais personagens estariam em cada lugar.

Comecei a história descrevendo os lugares conforme o que eles haviam dito e passei o gravador para a pessoa ao meu lado.

*“Depois de começada a história, de instigada a imaginação, as crianças entraram numa velocidade incontrolável de criação. As idéias vinham de cá e de lá e brincavam, as diferenças entre as crianças apareciam, a fantasia aflorava, a história estava nascendo!(...)”* (diário de campo do dia 15 de maio).

Alguns alunos nunca falavam, outros seguravam o gravador, inseguros, e o passavam para frente. Seguem alguns trechos da transcrição da fita do dia 15.

*“Luis: De repente...”*

*Outro: Eu falo, eu falo...*

*Paula: E essa bruxa tentou raptá-la.*

*(Gravador passando de mão em mão)*

<sup>11</sup> a transcrição completa da fita está em anexo.

*Felipe: Daí a princesa saiu correndo.*

*Aluno: E foi contar tudo para o rei.*

*Luis: E o rei falou: 'l qui qui nois vai faze agora? (risadas)'*

...outros ainda seguravam o gravador insistentemente até chegar alguma idéia para a continuação da história:

*"oooora...calma aí que eu tô pensando. Deixa eu pensa um pouquinho... Ah eu esquici o que.. Ah, ele foi atrás dela mas o homem já tinha virado bruxo."*

Houve alguns alunos tímidos que nunca deixavam de falar quando o gravador passava por suas mãos. Cada vez que o gravador chegava nas mãos de alguém era uma excitação, olhares curiosos, agoniados, inseguros, desejosos de saber o próximo passo daquela narrativa.

O sentimento de estar com o gravador nas mãos se assemelha ao da brincadeira "batata-quente". O seria da continuação da história dali para frente? É como se essa questão estivesse no olhar que cada criança na expectativa do próximo responsável pela história na roda.

*"E de repente chegou o príncipe. Daí o príncipe cada vez ficava mais e falou: Você quer casar comigo?"*

*E a princesa falou: Sim meu querido príncipe!*

*Aplausos."*

A roda se manteve de começo ao fim da história, os alunos estavam concentrados durante a sua criação. O trabalho durou aproximadamente duas horas. As crianças ficaram empolgadíssimas. Se alguém fazia algum pequeno cochicho, elas pediam umas às outras: "silêncio..."

Cada um deixou sua imaginação rolar... mesmo os que não queriam falar no gravador estavam completamente envolvidos.

“... Silêncio nem sempre é sinônimo de vazio, muito pelo contrário... uma criança tímida... pode guardar dentro de si uma imensa riqueza.”  
(Prieto,1999:120)

A percepção da realidade ficou mais aguçada, estavam vendo uma história acontecer ali, ela estava sendo “escrita” no gravador.

### **Inspiração...**

Em seqüência aos dois dias de “roda de criação coletiva” com os alunos, fui à escola e estive com a sala inteira. Todos iriam escrever. Repeti com eles dois passos que achava necessário para criar uma narrativa: Local e personagens. Pedi que antes que criassem a história, escrevessem onde se passaria a história e quais seriam os personagens.

Dito e feito. Começaram a escrever. Dessa vez não ouvi reclamações, não houve um que “travasse” para colocar no papel suas idéias. Fiquei impressionada. Que concentração! E envolvimento com o que faziam! O comentário da professora durante o momento de escrita dos alunos foi para que eles vissem como eles tinham capacidade de escrever textos grandes. Realmente foram os maiores textos que eles escreveram para mim... Eles estavam gostando do que estavam escrevendo! Essa foi a aula que estavam mais concentrados... conversavam também, mas será que conversar realmente estava atrapalhando? Não foi isso que notei naquele dia...

Eles instigavam um ao outro nos temas que estavam escrevendo. Um chamava o outro para participar rapidamente de seu mundo, compartilhar suas idéias. E que histórias! Alguns deles escreveram de terror... histórias “horripilantes”...

"Acidentes, mortes inesperadas, a loucura invadindo a mente de uma pessoa querida, depressão, decepção, tudo o que o acaso oculta atrás das portas que preferimos ignorar também fazem parte da vida, e a literatura de terror faz-nos pensar, sentir, ir ao encontro a esses perigos sem, no entanto, sermos destruídos por eles." (Prieto, 1999:87)

*Francis*

*Pânico no parque de diversões*

*Essa história vai acontecer em um parque de diversões*

*Esta uma vez três meninas que são super amigas que se chamavam: Fernanda, Carol e Adriana elas estavam voutando da escola e derrepante dois homens pegarão as três meninas. Mas as meninas gritaram tanto que a polícia chegou e prendeu eles. Mais Kélia tão esperta falou:*

*-Eu não vou deixar barato, prenderão meus amigos méis eu não pagarão*

*Fernanda, Carol e Adriana acharam que já estava tudo bem e forão ao parque de divirsões.*

*Kélia muito esperta ouviu alguns amigos das três meninas falando que elas iaô ao parque e ela falou:*

*-Á, eu vou lá, e vou incendiar tudo.*

*Chegando lá no dia 27/03/02 Fernanda,Carol e Adriana estão na fila do elevador de + ou – 15 metros. Kélia botou fogo no brinquedo e ele caiu e matou mais de 100 pessoas.*

*Mais graças a Deus elas pularam para os lados e conseguiram escapar, mais Kélia não desiste e continia botando fogo. Ela acabou com o parque as meninas assustadas foram embora para cada, e depois contaram chorando o que aconteceu para o pulicial e elas falaram:*

*-Nós estávamos na fila do brinquedo ai derrepente o brinquedo começou a pegar fogo, mas tanto fogo que nos tivemos que pular para os lados.*

*Tais tenpo que a polícia estava procurando ela.*

*As menina acharam o esconderijo e foram correndo falar para ela, a polícia chegou e prendeu ela, ai já na delegacia os policiais perguntaram:*

*-Qual é o sua ultima palavra?*

*-Vocês não perdem por espera, eu ainda mato vocês*

*Fim*

*Júlia S.*

*Escreva o que vai se passar na sua história: A minha história vai se passar numa casa mal assombrada vai ter várias personagens*

### **COLECIONADOR DE OSSOS**

*Era uma vez uma casa no meio do nada, a casa perto era SKL longe de lá. Nessa casa morava uma mulher e s crianças, ela era separada do marido. As crianças se chamava Julia, Francis, Renata, Henrique e Lucas. Eles não sabiam que seu pai era um maníaco e ele queria matar todos por que ele amava as crianças e a mulher dele, mas ela não entendia por que ele queria matar se ele amasse eles. Um certo dia a Rebatam Júlia e a Francis viram seu pai matando uma mulher e guardava todos os mortos no porão. Então elas chegarão a uma conclusão por que a mãe não deixava elas brincar lá.*

*Então ela resolveu contar para p Lucas e o Henrique:-Vocês não sabem o nosso pai e um maníaco e guardava os ossos lá no porão, e o Henrique disse: -Então é por isso que a mamãe não deixava nós entrarmos lá. Então todos forão dormir e eles ouviram alguns passos lá em baixo e resolveram ir ver, e não tinha nada, e então eles resolveram subir outra vez. A mãe tão assustada resolveu contar aos filhos que seu pai era um naniaco e eles disseram:*

*-Mãe nós já sabíamos que o nosso pai era um colhesonador de ossos (maníaco). Em tão a mãe disse: -Me desculpe por não ter falado para vocês que seu pai era um maníaco, um colhesonador de ossos sei lá. -Nós temos que ir em bora da qui, não da mais para ficar; disse a mãe.*

*A Júlia disse para seus irmãos: -Vamos ir lá no porão e ver o que tem la. mas ningem concordou com a idéia dela em tão a Julia e a tenmozar; foram ao porão e viram vários ossos principalmente de um bebê que o seu pai matou e*

*elas ficaram dormi com muito medo. Os outros já tinham dormido e elas ouvirão a voz do seu pai brigando com a sua mãe e ele dizia: -Eu vou matar todos os seus filhos ta faltando 6 ossos mesmo para minha coleção, já tem muita gente mesmo nesse mundo 6 pessoas não vai fazer falta mesmo. É em tão a mãe e os 5 filhos forão e ele matou todos os que moravão lá na outra casa, e até hoje todos ouvem falar da lenda do maníaco!!!!!!!*

Outras histórias de terror foram escritas: Gabriela, "Uma floresta mal assombrada"; Victor, "A vassoura voadora de Porter"; Guilherme, "O ataque terrorista no avião"; Lucas H., Essa história vai acontecer num orfanato; Larissa, "A floresta assustadora"; Lucas José, "Monstro na floresta".

Uma garota descreveu-se dentro do filme do Harry Potter. Ela mesma perdida dentro de um castelo enorme...

*" Eu estava num castelo muito grande lá tinha muitos feiticeiros de tão grande que era o castelo eu me perdi daí eu tinha que ficar pedindo informações para os feiticeiros eu falava gaguejando de medo daí eu perguntei.*

- Qual é seu nome! Ele respondeu*
- O meu nome é Harry Photer! E o seu?*
- O meu nome é Fabíola! Você pode me mostra a saída.*
- Sim a saída é por aqui, venha eu te achei muito legau*
- Eu também te achei muito legal!*
- Mas eu preciso ir embora volte sempre."*

Nessa redação... que emocionante! Ela conheceu o feiticeiro que grande parte das pessoas gostariam de conhecer! Não se deu o trabalho nem de mudar o seu próprio nome! E melhor ainda, ele disse a ela para voltar ao castelo.

## Depois das histórias vividas, outras histórias virão:

### Ensaando reflexões...

*Como se fora brincadeira de roda, memória  
Jogo do trabalho na dança das mãos, macias  
O suor dos corpos na canção da vida, história  
O suor da vida no calor de irmãos, magia*

Esses momentos me fizeram refletir. Fiz do meu sonho realidade, experimentei com aquelas crianças e sai de lá com mais idéias, idéias que também me acompanharão como Tanzânia me acompanha.

O que era experiência e leitura na minha vida ganhou mais corpo devido ao trabalho com os alunos. Isso se deu através do que vivi e vi nas suas atitudes e seus textos. Estes cresceram em expressividade, em idéias, em tamanho. Existem alguns pontos e princípios que gostaria de ressaltar...

Durante o processo ficou muito forte a importância de relembrar e praticar as funções gramaticais que as crianças haviam aprendido com a professora, enfatizando a importância de utilizar essas funções, pois elas permitem movimentos dentro da escrita.

“O objetivo do processo educativo é de treinar a nova geração nas técnicas da escrita e do entendimento de grafias, em conteúdos que explicam o movimento das pessoas entre si e das coisas a partir de modelos preparados por eruditos distantes da existência e vivência dos aprendizes.” (Iturra, 1994:34)

Ele completa essa afirmação acentuando a importância do conhecimento da escola considerar a vida da criança, pois isso traria um maior significado ao aprendizado dentro dessa instituição. É importante a interação entre os conhecimentos que estão presentes nesse espaço (conhecimento oficial / conhecimento da criança / conhecimento do professor) para que interajam não necessariamente de forma hierarquizada.

Nesse trecho citado, pode-se ver que existe importância na correção da linguagem, o que no caso que discutimos aqui neste texto da linguagem

escrita, na vida da criança (e de qualquer ser humano). No processo de aprendizagem passa-se por uma série de reorganizações na estrutura da linguagem dentro do indivíduo, apoiando a comunicação/relação dele com outros. É um passo necessário para orientar esses novos indivíduos a viver em sociedade, serem respeitados pelos grupos sociais que irão conviver. Além disso esse aprendizado deve ser considerado, pois futuramente as crianças serão incorporadas socialmente como mão de obra, e precisam entender o sistema em que vivem.

As correções feitas entre eles e as correções que eu propunha, através de uma reflexão a respeito do que escreviam, foi uma idéia inspirada em Emília Ferreiro.

Essa autora discute em suas "Reflexões sobre alfabetização" (2001) a respeito de como a criança vai descobrindo a escrita. Ela discorre a respeito de algumas regularidades que observou em sua pesquisa sobre o processo da alfabetização. Ela considera que a criança é mais que:

"um par de olhos, um par de ouvidos, uma mão que pega o instrumento para marcar o aparelho fonador e emite sons. Atrás disso há um sujeito cognoscente ,alguém que pensa, que constrói interpretações, que age para fazê-lo seu." (Ferreiro, 2001:40)

A criança vai construindo e reorganizando a linguagem. Para alfabetizar, Ferreiro traz a idéia do "erro construtivo", onde o "erro" da criança é encarado como conhecimento que ela tem que é um passo para chegar na forma de escrita institucionalizada. Esse pequeno indivíduo não precisa da autorização de nenhum adulto para aprender a ler os signos e para escreve-los; desde pequenos estão o tempo todo desenvolvendo formas de se comunicar:

"Se a linguagem [instituída] não é o meio de comunicação que prevalece, resulta entretanto substituída por condutas não-verbais (olhares, mímicas, trocas de objetos, ajudas múltiplas...)" (Verba, Isanbert, 1998:249)

As crianças da quarta série já possuem a linguagem escrita muito mais internamente organizada que as crianças que foram pesquisadas por Ferreiro ou por Verba e Isanbert. A criança precisa internalizar a linguagem depois organizá-la para a comunicação com o outro. Com a turma de 4ª série, com crianças de aproximadamente 10 anos, já é necessário enfatizar o sistema de representação da escrita para firmar junto com as crianças a idéia de socialização dessa linguagem, onde o texto é um meio através do qual é possível expressar sua idéia e comunica-la aos outros. O que na maioria das vezes ocorre é que as crianças

“(...) sabem ler um texto de história, reproduzi-lo oralmente, mas não sabem como registrar uma história que inventem de forma que a imagem do texto escrito contribua para que o leitor leia, entenda e interprete o texto com autonomia.” (Cavalcanti, 1997:4,5)

A linguagem escrita precisa fazer sentido para a criança, pois se a criança não dá sentido a ela, fica complicado utilizá-la para comunicar o que quer. Para chegar nesse nível de domínio do sentido, ela precisa passar por um processo de aprendizado que vai ser cultivado o “como escrever”. Cavalcanti (1997) escreve em seu texto o exemplo de um grande escritor, Edgar Allan Poe, que em certa ocasião escreveu um texto explicando como chegou a uma de suas grandes obras, *O Corvo*.

“Desejava uma palavra que fosse produzida por um pássaro, seu efeito seria mais intenso. Pensou inicialmente num papagaio, mas esse pássaro produziria um efeito cômico, e ele não desejava um poema-piada. Terminou optando pelo corvo, outro pássaro falante, e a figura do corvo, por sua vez, inspirou-lhe o tom do poema uma obra noturna, melancólica, pungente. Finalmente imaginou qual seria a situação mais triste do mundo, e concluiu que a maior perda para um jovem seria a morte da mulher amada. E assim nasceu *O Corvo* (...)” (Cavalcante, 1997:6)

Dentro desses pensamentos, voltando especialmente à forma que Ferreiro aborda o erro construtivo em sua pesquisa, olhei para os textos dos alunos com a possibilidade de despertar naqueles educandos um olhar

analítico sobre o que escreveram junto com as estruturas gramaticais e ortográficas que eles haviam tido acesso anteriormente. Essa técnica de correção adotada (grifar os “erros”) não trazia o certo mas a possibilidade de cada um pensar, consultar o amigo, a mim ou a professora para pedir idéias a respeito de seu texto.

Depois deles terem contato com essa forma de correção, alguns adotaram essa técnica na correção do texto do colega. Outros corrigiam de forma diferente: apontavam o “erro” mostrando o que pensavam ser a forma correta, ou seja, escrevendo no texto. Corrigiam desde palavras até a pontuação. Essa interação entre eles é boa porque desperta o interesse de buscar referências uns nos outros, e não só nos professores ou nos adultos.

Nessa parte do trabalho, pude lembrar que abrir esse espaço para os alunos se ajudarem abria uma brecha para exercitar o companheirismo, o cooperativismo. A competição é uma característica forte nos alunos, que muitas vezes já chegam à escola com isso internalizado.

É importante assumir uma posição quanto à quebra desse valor. As amizades que eles cultivam em sala e fora de sala são muito saudáveis nesse aspecto, o que para o aprendizado também é um grande ganho. Conversavam entre si durante o processo de criação das narrações; falar sobre o que estamos escrevendo faz o trabalho ganhar ritmo. Isso foi muito positivo para o crescimento da imaginação delas, pois a troca de idéias é um ponto de apoio para se renovarem na escrita.

Na escola, incide sobre a criança um olhar desconfiado. Raul Iturra mostra em seu texto *O processo educativo: Ensino ou aprendizagem?* (1994) que deve-se levar em conta que as crianças, de maneira geral, têm o desejo de aprender. Através do aprendizado elas ganham a aprovação dos adultos, o que para elas é uma necessidade. Quando elas conversam não estão necessariamente fazendo bagunça, mas construindo sua sensibilidade.

É de responsabilidade do professor ganhar a sala na atividade que ele propõe . Será que ainda há os que acreditam que a conversa em sala de aula no momento da produção é algo pouco válido? Ou será que isso é só uma forma de não perder o controle da sala? O desafio é achar um equilíbrio para que alunos e professor construam conhecimentos juntos sem que se perca o valor do saber que cada um já possui. Volto a Iturra (1994) para completar que o que se ensina na escola deve dar vazão à vida da criança.

A cooperação é um valor importante de ser cultivado sempre nas pessoas e no caso do professor, ele precisa tomar cuidado para não se deixar dominar por sua insegurança, pois poderia levar o seu trabalho à mediocridade. Como diz Edgar Morin é importante

“...aprender a navegar em um oceano de incertezas em meio a arquipélagos de certeza.” (Morin, 2002:16)

Quanto ao que os alunos escreveram, eu não tinha como objetivo decifrar através do texto o que cada aluno tinha dentro de si, até porque seria subjetivo demais. Também Fayga Ostrowe, comenta em seu livro (1987:53) que ao buscarmos interpretar uma obra acabamos relendo nela a nossa própria história, o que complica a interpretação da obra do aluno. Cada aluno, do seu jeito, utilizou sua própria história trazendo para o que escrevia parte de si mesmo, incorporando à sua escrita dúvidas, valores, poesia, origens das coisas que o rodeavam.

Os valores culturais vigentes constituem o clima mental para seu agir. Criam referências, discriminam propostas.(Ostrower, 1987:16)

Há um diálogo entre o que o aluno cria e o que ele já conhece, já ouviu em casa, na escola, já viu na TV, já leu em livros, revistas e jornais, etc. A pessoa, quando escreve, traz consigo a memória do que viveu, viu, experimentou.

simboliza e indaga, movido por sua pergunta ulterior, que é pelo sentido do viver.” (idem:52-53)

O sentimento, o medo, o novo, o fantástico, a história de cada um, as histórias contadas por livros e tantas outras coisas que mexem com o interior do ser humano. As crianças associaram rapidamente com elementos do seu dia a dia, e assim é para cada um. Henri Matisse diz em seu texto “Olhos de criança” que

“Criar é exprimir o que se tem em si. Todo esforço autêntico de criação é interior. Ainda assim é preciso alimentar seu sentimento, o que se faz com a ajuda de elementos tirados do mundo exterior.”

Quanto maior era a quantidade de informações a que eles eram expostos e o diálogo entre os alunos, maiores também se tornavam as possibilidades de estabelecerem inter-relações em seus pensamentos. É preciso lembrar que

“O talento, a inspiração, é apenas uma das instâncias da criação.”  
(Prieto, 1999:105)

É preciso levar em consideração que a aprendizagem começa antes da escola e ela continua independente da escola. Levar para essa instituição o que é importante para o indivíduo é valorizá-lo, pois a aprendizagem se faz no contexto. Raul Iturra discorre a respeito disso em seu texto *O Processo Educativo: ensino ou aprendizagem?*. As crianças trazem consigo outros conhecimentos que devem ser levados em consideração no momento da aprendizagem.

“O professor também aprendeu a ser com os pais, os parentes e vizinhos, e a partir desse cotidiano aprendeu então, como seus alunos hoje, as categorias racionais do conhecimento.” (Iturra, 1994:37)

Vai do professor saber ensinar a criança a valorizar a si mesma, e dar a ela o espaço para que possa se expressar. Se o professor desprende uma ênfase muito grande na estrutura, o conteúdo se perde na dificuldade de entendê-la (sem experimentação se torna memorização). Além disso, Iturra

Vai do professor saber ensinar a criança a valorizar a si mesma, e dar a ela o espaço para que possa se expressar. Se o professor desprende uma ênfase muito grande na estrutura, o conteúdo se perde na dificuldade de entendê-la (sem experimentação se torna memorização). Além disso, Iturra enfatiza que o conteúdo ensinado na escola perde o conhecimento oralmente transmitido (lar, grupo de vizinhos e parentes, lealdade e adesões que motivam para o aprendizado).

“A aposta é feita na escrita, leitura e cálculo como um fim em si, onde os conteúdos se perdem nas dificuldades de entender a estrutura dentro da qual se deve exprimir o conhecimento.”(Iturra,1994: 34)

É importante adquirir a linguagem que vai preparar as crianças para conviver na sociedade onde vão passar as suas vidas. Essa linguagem é o que vai lhes possibilitar quais caminhos seguir e é o que vai lhes proporcionar respeito de outros indivíduos que encontrarão no decorrer de suas vidas.

*Como um animal que sabe da floresta, perigosa  
Redescobrir o sal que está na própria pele, macia  
Redescobrir o doce no lamber das línguas, macias  
Redescobrir o gosto e o sabor da festa, magia*

No decorrer do trabalho fiz uma contínua modificação da minha forma de propor as atividades. Quis experimentar uma nova forma de atividade pois queria observar a reação deles, pois a sensação era que algumas palavras que eu usava e que faziam parte do dia a dia deles, bloqueavam ainda que momentaneamente, a criatividade dos alunos. É como se o nome do jogo estivesse desconectado dele mesmo, como se trouxesse um sentido diferente, pois depois que eu buscava explicar a atividade de outra forma eles se envolviam no processo onde as idéias floriam e fluíam.

Isso me provocou algumas perguntas: Por que as palavras que são “temas” de atividades desestimulam os alunos? Será que as palavras que os professores usam, perdem seu significado devido ao trabalho cotidiano do professor? Será que os alunos já estão tão acostumados com “palavras de ordem” que nem pensam no seu significado ao ouvirem a proposta de uma atividade?

Os momentos de criação foram especiais! Tal processo não se gasta, se alimenta: quanto mais se cria,... mais se cria.

Cavalcanti (1997) comenta que fazer arte é ir além dos limites, infringir as regras, mas fazê-lo de forma lúdica e criativa. Na hora de desgarrar do texto para escrever em “palavras faladas”, um instrumento que eles já tinham domínio, as histórias foram bem criativas. Todo o processo se fortificou nessa parte do estágio. Pude observar que se expressar oralmente é muito forte para criar. Será que isso é importante só dessa faixa de idade para baixo? Penso que não. Percebi, como os teóricos já indicavam, que especialmente para o ensino fundamental, as histórias devem começar a ser criadas no contar, para depois aprender a usar o código da escrita para registrá-las.

Vigotsky, afirma que as crianças passam por um período que a escrita é como uma tradução do que é falado, e com o tempo essa escrita se torna dona de si para elas como linguagem.

“A compreensão da linguagem escrita é efetuada, primeiramente, através da linguagem falada; no entanto, gradualmente essa via é reduzida, apreciada, e a linguagem falada desaparece como elo intermediário.” (Vigotsky, 1984:131)

Sim, a roda de história foi fundamental para que as crianças vissem como poderiam utilizar a escrita. Muitos dados foram trabalhados naquele momento: pensar antes o local, os personagens, descrições mais detalhadas sobre os locais que eles mesmos trouxeram, perigos e pessoas,

objetos e animais. Todo esse movimento para incentivar as crianças a pensarem nesses fatores, estimulou-as a escreverem redações com muito mais detalhes.

*Vai o bicho homem fruto da semente, memória  
Renascer da própria força, própria luz e fé, memória  
Entender que tudo é nosso, sempre esteve em nós, história  
Somos a semente, ato, mente e voz, magia*

Trouxe alguns textos escritos e li para as crianças com o intuito de desmitificar o olhar que culturalmente adquirimos sobre a escrita (“Luz e Sapatos” de Rodari). Maurizio Gnerre em seu livro *Linguagem, Escrita e Poder* busca essa desmitificação do homem ocidental com a escrita. Para a nossa sociedade a escrita tem uma posição de sagrada, a palavra escrita tem poder pois ela é portadora legítima de uma tradição cultural e de uma identidade nacional (Gnerre,1987:11).

É importante verificar que a alfabetização foi se constituindo como um mito de valor indiscutivelmente positivo da escrita, um passo central para a modernização da sociedade, desprezando os valores e formas de comunicação das culturas orais. Muitas culturas consideram tudo o que é escrito como importante, como expressão de verdade. É documento não passível de críticas.

A escrita, em muitas culturas orais, é vista como algo incompleto, pouco confiável pois é passível de falsificação e parcialidade.

Leme Brito e Heitor Barzotto discorrem a respeito da “*Promoção x mitificação da leitura*”:

“A supervalorização da leitura em si, como espécie de comportamento sempre saudável e desejável, conduz à mitificação da leitura e à feitichização do livro e do ato de ler. Mais ainda, faz com que se perca completamente a crítica histórica e a percepção de que a leitura tem sido muito mais instrumento de dominação (as classes dominantes sempre tiveram a leitura a seu serviço) do que de redenção de pessoas ou de povos” (1998:3)

Portanto, o tratamento que eu buscava dar aos textos, que levava até eles não era de verdade absoluta, mas questionável e/ou como fonte para inspiração.

*Não tenha medo, meu menino 'lobo', memória  
Tudo principia na própria pessoa, beleza  
Vai como a criança que não teme o tempo, mistério  
Amor se fazer é tão prazer que é como se fosse dor, magia*

Sobre as atividades que envolviam a leitura, os textos que eles escreviam dialogavam com as histórias que eram lidas no dia da atividade. Houve casos em que a criança utilizava mais obviamente o texto lido, em outros a criança escrevia uma história completamente diferente, imitando as idéias principais da história lida. Isso também depende da quantidade de leitura de cada aluno.

Adriana, que era uma aluna que lia mais, abstraía mais os textos para escrever o dela, ela aproveitava das idéias principais do conto e criava sua história com outras variáveis que não as ações dos personagens. Por outro lado, os alunos se apropriavam mais diretamente dos personagens, suas características, suas ações e do local que acontecia o conto com seus detalhes, e escreviam suas histórias.

Será que "se re-escreve" um texto devido a rápidas conexões feitas por nosso cérebro? Será por falta de instrumentos na escrita? Será por falta de alta auto-estima? Um ponto a se levar em consideração nessa discussão é o que Ostrower discorre a respeito da percepção.

"A percepção delimita o que somos capazes de sentir e compreender... Articula o mundo que nos atinge, o mundo que chegamos a conhecer e dentro do qual nos conhecemos. Articula o nosso ser dentro do nosso não ser."  
(Ostrower, 1987:13)

Um princípio do meu estágio foi tratar as crianças considerando cada coisa que elas diziam. Com isso consegui não só proximidade das crianças

mas também que trouxessem a percepção delas sobre o mundo que as rodeiam e que adquirissem gosto pelo que faziam.

Busquei dar grande liberdade para os alunos, pois queria que eles tivessem a mente “aberta”; que desse a eles a possibilidade de acessar todo tipo de informação que quisessem; que sua percepção fosse mais aguçada. Buscava, para isso, estar atenta ao que eles faziam ou diziam. Queria aproveitar qualquer idéia nova que aparecia, pois tinha o desejo de mostrar-lhes o quanto seus pensamentos eram relevantes.

Eles escreveram muitas histórias, brincaram de liberdade dentro daquele código e mostraram conquistar essa liberdade depois da roda de história coletiva. Depois de escrever com palavras faladas conseguiram adquirir alguns princípios que, como aprendi nos livros, são bons para criar (local e personagens), escrever uma história que ao mesmo tempo é para si e que toca o outro.

*Como se fora brincadeira de roda, memória  
Jogo do trabalho na dança das mãos, macias  
O suor dos corpos na canção da vida, história  
O suor da vida no calor de irmãos, magia  
Gonzaguinha  
Redescobrir*

Pude levar a eles idéias que cultivei durante minha vida e estou levando comigo sua espontaneidade, seu desejo de criar coisas novas, o inovar da minha forma de trabalhar com as palavras. Vou continuar com o espírito de jogo, vou continuar acreditando na criatividade e onde eu estiver buscarei desmitificar a palavra escrita como única fonte de verdade!

Ainda há muito a ser feito! Vejo que um trabalho como esse deveria durar muito mais tempo. Em quatro meses pude trabalhar com várias atividades diferentes com os educandos, mas penso que esse trabalho deveria ser assumido por um período de no mínimo um ano, pois possibilitaria uma maior continuidade as atividades e apoiaria muito o aluno

a acreditar que pode escrever e que suas idéias são boas! O que é importante para a vida de qualquer indivíduo e é uma necessidade que exige maior continuidade para ser suprida.

Algumas atividades possibilitam uma educação do olhar ousado, mas isso se conquista com a constância que ela é feita. Rodari (1982) diz a respeito disso no seu livro no capítulo “Luz” e “Sapatos”. Muitas outras atividades podem ser desenvolvidas com as crianças, atividades que fiz com eles e não expus nesse texto e ainda outras que estão em livros, em aulas que tive, em conversas com amigas e amigos, em lembrar o passado, pois todos nós já brincamos de criar... quantos jogos que inventávamos?

*Para criar, vamos ser crianças!*

## BIBLIOGRAFIA

- ALBANO, Ana Angélica Medeiros. CRIAR É PRÓPRIO DO ARTISTA; ONDE NÃO HÁ CRIAÇÃO, A ARTE NÃO EXISTE. In Estação Gente: Educação Inclusiva, caderno de formação 1. Santo André: Paulista Terra Marter, 1990
- ALBANO, Ana Angélica. O ESPAÇO DO DESENHO: A EDUCAÇÃO DO EDUCADOR. São Paulo: Loyola, 1984
- ALBANO, Ana Angélica Medeiros. O SORRISO ETRUSCO E A MONITORA QUE FOI 'NO ANTIGAMENTE'. In FOLHA educação Agosto/Setembro de 2001, especial 3.
- BRITO, Luiz Percival L., BARZOTTO, Valdir Heitor. PROMOÇÃO X MITIFICAÇÃO DA LEITURA, In *Em Dia: Leitura e Crítica*, nº 3. Textos ALB: 1998
- CABRAL, Isabel Cristina Marctelli, MINCHILLO, Alberto Cortez. A NARRAÇÃO 4<sup>a</sup>.ed. São Paulo: Atual, 1989
- CAFÉ, Angela Barcellos. DOS CONTADORES DE HISTÓRIAS E DAS HISTÓRIAS DOS CONTADORES. Campinas: Unicamp, 2000
- CAVALCANTI, Zélia. ALFABETIZANDO. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997
- FERREIRO, Emilia. REFLEXÕES SOBRE ALFABETIZAÇÃO. São Paulo: Cortez, 2001
- FRAGOSO, Graça Maria. O LIVRO, A BIBLIOTECA E A PRIMEIRA INFANCIA – TRILOGIA DO AFETO. In Revista: Presença Pedagógica. Belo Horizonte:Paulino, 1998;
- ITURRA, Raul. O PROCESSO EDUCATIVO:ENSINO OU APRENDIZAGEM? In Revista Educação, Sociedade & Culturas nº1. Campinas: Unicamp, 1994
- LUFT, Celso apud VERISSÍMO, Luís Fernando. LÍNGUA E LIBERDADE, O gigolô das palavras. São Paulo: Ática, 1993
- MORIN, Edgar. OS SETE SABERES NECESSÁRIOS À EDUCAÇÃO DO FUTURO. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002
- OSTROWER, Fayga. CRIATIVIDADE E PROCESSOS DE CRIAÇÃO. Imago,Rio de Janeiro, 1977

- PASSERINE, Sueli Pecci. O FIO DE ARIÁDNE: UM CAMINHO PARA NARRAÇÃO. São Paulo: Antrofosófica, 1998;
- PIETRO, Heloisa. QUER OUVIR UMA HISTÓRIA? LENDAS E MITOS NO MUNDO DA CRIANÇA. São Paulo: Angra, 1999;
- RODARI, Gianni. GRAMÁTICA DA FANTASIA; tradução de António Negrini; direção da coleção de Fanny Abramovich. São Paulo: Summus, 1982;
- TATIT, Paulo, Antunes, Arnaldo. CRIANÇA NÃO TRABALHA. In CD *Canções Curiosas*, Selo Palavra Cantada:1998
- VIGOTISKY, Lev Semyonovich A FORMAÇÃO SOCIAL DA MENTE: O DESENVOLVIMENTO DOS PROCESSOS PSICOLÓGICOS SUPERIORES / org Milchal Cole , tradução José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. São Paulo? Martins Fontes, 1991

## ANEXO 1

### **Não sei o que é**

Carolina de Castro Sollero

Tanzânia, uma mulher africana, chegou a S. Paulo. Ela tinha um andar muito diferente do comum, um rebolado que balançava e tinha ritmo para tudo. As pessoas a olhavam e estranhavam o seu modo. Tinha gente que a empurrava, pois ela andava muito devagar, outros esbarravam nela e passavam a sua frente, enquanto ela continuava no seu andar tranqüilo.

No dia de chegada, Tanzânia tinha que arranjar um lugar para se acomodar, pois não podia dormir na rua. Pegou um ônibus, sentou-se ao lado de uma mulher e começou a fazer comentários, com um jeito mole, sobre a cidade de S. Paulo.

-As pessoas aqui têm m corpo duro para andar, não?

Regina, a mulher que estava sentada a seu lado, olhou-a estranhamente, e defendeu-se:

-Isso é porque nós, aqui em S. Paulo, temos sempre alguma coisa pra fazer. A gente não pára para prestar atenção no jeito de andar ou qualquer outra coisa , temos mais o que fazer – pausa – Você é de onde?

Tanzânia respondeu vagarosamente:

-Sou da África.

-Ah é?Legal, mas o que você veio fazer aqui? – perguntou Regina de forma apressada.

-É que recebi uma missão secreta!

Regina pensou – “Acho que ela veio para fazer alguma magia negra ou macumba.”

-Não! –falou Tanzânia. Não vim fazer nenhuma macumba e nada relacionado com magia negra.

Regina ficou espantada, mas continuou conversando.

-Ah! Então já sei. Veio procurar algum emprego. Tenho uma amiga que está procurando uma empregada doméstica. Para lavar, passar e outras coisas da espécie.

-Não, também não vim trabalhar com isso!

-Então o quê? – e pensou – Bom, já sei, veio fazer uma missão secreta.”

Regina não estava muito desconfiada daquela mulher, que, aliás, tinha tudo de diferente. De qualquer modo havia nela alguma arte que lhe atraía.

Elas desceram juntas do ônibus.

Continuaram conversando e quanto mais a negra Tanzânia falava, mais Regina gostava dela. Mas havia algo de muito diferente que estava acontecendo ali. Diferente e engraçada. A negra ia no seu ritmo normal, meio devagar, tranqüila, com um rebolado bem diferente. Já Regina ia bem devagar e quando olhou para Tanzânia já estava longe. Então voltou e tentou andar devagar, mas sempre andava um pouco na frente.

Chegando à casa de Regina, que aliás era uma casa bem moderna e cheia de detalhes arquitetônicos, Tanzânia entrou e, por a casa ser daquele modo, com nenhum detalhe natural, ela começou a sentir uma falta de ar muito grande, como se ela estivesse com asma.

-Você está bem? – perguntou Regina.

Tanzânia não respondia, já indo em direção a outro cômodo. Foi quando abriu a primeira porta e viu um lindo jardim que foi a cura para sua falta de ar. Era um jardim muito bonito, com todos os tipos de plantas possíveis: árvore de romã, macieira e outras árvores dignas de um pomar. No fundo havia um grande chorão que derrubava os seus cipós por todo o jardim. As árvores faziam um túnel e o lugar estava todo iluminado.

Nesse lugar, Tanzânia começou a balançar o corpo, rebolando o tronco e balançando os braços de um lado para o outro seus joelhos flexionados e todo o seu corpo entrou num ritmo muito gostoso.

Regina não entendeu bem, mas estava percebendo que não tinha consideração pelas suas coisas. Pensou então: será que eu preciso fazer alguma coisa para mudar minha situação? Parece até que esqueci o meu próprio corpo...”

-Você não vem pra cá? – perguntou Tanzânia.

Nesse momento Regina começou a refletir o quanto ela era infeliz sendo completamente materialista e não pensando na natureza e mesmo no seu próprio corpo. Ela já estava perdida em sua própria vida, sem ver o que poderia existir num mundo mais subjetivo. Desde aí ela começou a querer chegar mais perto da negra e assim, só no “pensar”, conseguiu fazer os mesmos movimentos que a Tanzânia, e até novos.

As duas saíram de casa e na rua todos começaram a notar a diferença entre ser racional demais e ser subjetivo. As duas balançavam os seus corpos de acordo com as coisas que viam em volta.

Chegaram ao centro de S.Paulo e lá as pessoas começaram a fazer uma roda nas duas. Regina, vendo a multidão começou a bater os pés num ritmo e Tanzânia, que gostou da iniciativa, fez o mesmo.

Mais pessoas entraram na roda, e assim começaram a rebolar num ritmo muito gostoso. Depois trouxeram panelas e copos, fizeram uma bonita música para dançar.

Regina virou-se e olhando a multidão percebeu que perdera a negra, saiu correndo e a procurou em toda a parte, de repente a viu muito longe, no seu gingado gostoso, caminhando e a cada momento ficando transparente e desaparecendo. Regina deu um sorriso e voltou ao meio do povo para continuar a dançar.

## ANEXO 2

### Índice das histórias

Caroline 45, 47, 49  
Fellipe 46, 50  
Francis 45, 47  
Gabriela C 54  
Guilherme 53  
José Luis 47

Julia S 46  
Larissa I 56  
Lucas H 55  
Lucas J 56  
Renata B 52

**Tanzânia 13/13/2002**

**Francis C.**

#### A mentira tem perna curta

Era uma vez uma mulher muito misteriosa que veio da Oceania e ela lua pensamentos e o nome dela era Cleusyan.

Ela fazia muito suceso e todo o mundo ia la. Mas aconteceu um pequeno probleminha todos que foram consultar com ela descobriram que ela era falsa, e quando ela estava voltando para a Oceania o avião que ela estava caio e todos morreram. Este é o fim de uma mentira.

Fim

**Caroline**

#### O fim do medo

Era uma vez um cavalo chamado Faisca, que era muito bonzinho, ele tinha uma dona que se chamava Caroline. Ela gostava muito dele, mas não fazia muito tempo que tinham amansado ele e ela ainda tinha muito medo dele.

O Faisca gostava muito dela, e quis tentar tirar esse medo dela.

Um dia quando ela estava na fazenda, ele foi recebe-la e deitou para ela subir em cima dele.

Antes de tudo ela colocou freio e arreio para poder andar com nele. Quando ela montou nele ficou com um pouco de de medo, mas depois de um tempo ela até correu com ele.E ele ficou super feliz, porque consegui fazer ela confiar nele.

The End

**Fellipe**

**Meu Pais**

Meu pais é sujo ele tem qual quer tipo de duença então aqui mesmo conheci meu amigo eduardo. Um dia eduardo a formiguinha começou a gritar socorro então fui ajuda-lo mas fui tarde de mais mas derrepente ele se mecheu emtão eu fiquei muito feliz então fui brincar com ele então ficamos a tarde inteira e depois fomos durmir

**Binômio Fantástico**

**Julia S.**

**O menino e o sol**

Era uma vez um menino que adorava a bola.  
Um serto dia seu pai lhe deu uma bola, ele ficou tão feliz mas tão feliz que chutou a bola tão alta, mas tão alta, que foi assim que surgil o sol.  
Isso aconteceu A.C e até hoje todos nos somos apexonados pelo futelolol

**Caroline**

**O Sol e seu filho**

Há muitos anos atrás, o Sol quis ter um filho, ele viu muito objetos mas nenhum parecia seu filho, até ele ver uma bola amarela e vermelha.  
O Sol fez a bola virar Sol também. Depois de muitos anos o filho do Sol ficou maior que o Sol, e como o Sol (pai) estava muito velho ele morreu, daí seu filho como era imortal ficou até hoje reinando. Então nosso Sol já foi uma bola amarela e vermelha.

**José Luis**

**POEMA**

Um dia um menino sexama João um dia ele foi jogar bola!!!  
Estava um sol lindo...  
Que ranhava!!!

Escreva o que vai se passar na sua história: A minha história vai se passar numa casa mal assombrada vai ter várias personagens

### COLECIONADOR DE OSSOS

Era uma vez uma casa no meio do nada, a casa perto era SKL longe de lá. Nessa casa morava uma mulher e s crianças, ela era separada do marido. As crianças se chamava Julia, Francis, Renata, Henrique e Lucas. Eles não sabiam que seu pai era um maníaco e ele queria matar todos por que ele amava as crianças e a mulher dele, mas ela não entendia por que ele queria matar se ele amasse eles. Um serto dia a Rebatam Júlia e a Francis viram seu pai matando uma mulher e guardava todos os mortos no porão. Então elas chegarão a uma concluzão por que a mãe não deixava elas brincar lá.

Então ela resolveu contar para p Lucas e o Henrique:-Vocês não sabem o nosso pai e um maníaco e guardava os ossos lá no porão, e o Henrique disse: -Então é por isso que a mamãe não deixava nós entrarmos lá. Então todos forão dormir e eles ouviram alguns passos lá em baixo e resolveram ir ver, e não tinha nada, e então eles resolveram subir outra vez. A mãe tão assustada resolveu contar aos filhos que seu pai era um naniaco e eles disseram:

-Mãe nós já sabíamos que o nosso pai era um colhesonador de ossos (maníaco). Em tão a mãe disse: -Me desculpe por não ter falado para vocês que seu pai era um maníaco, um colhesonador de ossos sei lá. -Nós temos que ir em bora da qui, não da mais para ficar; disse a mãe.

A Júlia disse para seus irmãos: -Vamos ir lá no porão e ver o que tem la. mas ningem concordou com a idéia dela em tão a Julia e a tenmozar; foram ao porão e viram vários ossos principalmente de um bebê que o seu pai matou e elas ficaram dormi com muito medo. Os outros já tinham dormido e elas ouvirão a voz do seu pai brigando com a sua mãe e ele dizia: -Eu vou matar todos os seus filhos ta faltando 6 ossos mesmo para minha coleção, já tem muita gente mesmo nesse mundo 6 pessoas não vai fazer falta mesmo. E em tão a mãe e os 5 filhos forão e ele matou todos os que moravão lá na outra casa, e até hoje todos ouvem falar da lenda do maníaco!!!!!!!!!!

L: Numa fazenda muito grande e muito bela.personagens:Fáisca;um cavalo lindo, Caroline; dona do Fáisca,Donizete;pai da Caroline e da Juliana,Sonia;mãe da Caroline e da Juliana e o Zi;gato da Jú

### Encontrando a felicidade

Era uma vez uma menina muito triste, qui morava numa fazenda, mas ela achava lá muito sem graça(ela nem saía de casa para ver se era verdade o que ela pensava).

Como ela gostava muito de cavalo, seus pais (Sonia e Donizete) compraram um cavalo para ela, e para não fazer diferença, para a Juliana deram um gato siamês. Que acabou se chamando Zique Zira.As duas pensaram e decidiram dividir eles. (É claro não vão dividir ao meio e se os animaizinhos serem das duas).

Todo mundo ficou muito feliz porque os animais ficaram muito inteligentes.

Só que a Carol tinha medo de cavalo, só que o tempo foi passando e ele ficou mansinho

Quando ela montou nele a primeira vez o medo se acabou e ela até cavalgou.

Todos viveram felizes para sempre.

The End

Nome do

livro:

Palavras de encanto

Nome da poesia:

Ficção Científica

Nome da editora:

Editora moderna

Depois de uma viagem

Pelo espaço sideral

O astronauta chegou

Ao seu destino final:

Um planeta diferente

Cujo em-cima estava em baixo

E o atrás ficava na frente.

Um planeta tão estranho

Que a sujeira era limpa

E a água tomava banho

Um planeta mesmo louco

Onde o muito era nada

E o tudo muito pouco

Um planeta dos mais raros:

O seu ouro era de graça

O lixo custava caro

O astronauta não gostou

E foi-se embora.

Quando pensou estar muito longe,

Viu-se outra vez chegando

Num planeta onde, aliás

O em-baixo ficava em-cima

E a frente esta por trás

**Jose Luis**

**HARRY**

**POTTER**

Numa nova escola três alunos novos saíram de um castelo para uma floresta mal assombrada.

Na floresta tinha unicórnios mas sempre tinha um monstro que se alimentava do sangue de unicórnios, de repente eles saíram correndo.

Quando chegaram ao castelo eles começaram a ler um livro, eles descobriram um cachorro que guardava uma pedra filosófica. Esta guardada para

Harry Potter, eles conseguiram pegar a pedra.

E o Harry na batalha ganhou a grande batalha que

Harry ganhou a batalha e a

E depois eles viveram felizes para sempre.

**FIM**

**Renata Barbieri**

Essa história é em uma escola mal assombrada e lá na escola tinha crianças más e crianças boas tinha muitos morcegos era bem aterrorizante.

**Pânico na escola**

Em uma escola existia muitas crianças, essa escola tinha merendeiras, as merendeiras são muito legais só que uma delas era muito estranha, todo mundo falava que Lea era uma bruxa, ela nunca falava com a gente. Essa merendeira morava em uma casa na

escola,ninguem nunca entrou na casa dela, mas todo mundo falava que da casa dela saia muitos moscegos e que uma criança entrou lá e nunca mais saiu.

Na quela escola tinha três meninas muito espertas e legais, elas se chamavam: Renata, Francis e Julia, e elas também acreditavam que a merendeira era uma bruxa. Um certo dia a diretora da quela escola foi seqüestrada e assassinada e os alunos da quela escola acharam que tinha sido a merendera que tinha matado a diretora.Então já que a diretora tinha morrido resolveram contratar outra, e contrataram a merendeira que já trabalhava la a muito tenpo. As crianças ficaram sabendo e não queriam mais estudar lá.

Então a merendera começou a ser diretora, foi tudo bem, mas depois de 3,4 dias na sala dela estava cheio de ratos e morcegos.Então as crianças viram que ela era uma verdadeira bruxa e nem queria chegar perto dela.A merendeira pensou:- Já que sou diretora vou falar meu nome para eles.Então ela falou o nome dela era Oniuda, era a primeira vez que ela falava com as pessoas, ninguém acreditava que ela tinha falado.A Oniuda não estava mais agüentando aquelas crianças e resolveu matalas uma de cada ves se ir a sala dela.A 1º criança foi lá e ela matou, a 2º criança foi lá e ela matou,ela matava e gardava em um armário na sala dela,quando a Oniuda foi matar a 3º criança Renata, Francis e Julia viram e elas saíram correndo falar para os outros alunos,eles não acreditavam.Elas pensavam:- Como nós vamos impedir essa diretora a sair da escola, elas não conseguia pensar em nada e a diretora já tinha matado 6 crianças. A Oniuda tinha cansado de matar crianças e começou matar professores, ela matou 3 professores na hora que Lea foi matar o 4 professor a Renata, Francis e Julia virão e forão falar com os outros alunos mas eles não acreditavão.Um dia a Oniuda saiu e a cordenadora da escola entrou na sala dela e sentiu um cheiro ruim ela olhou para sima eram os morcegos depois ela abriu o armário e tinha crianças mortas e professores.A cordenadora resolveu chamar os Puliciais para investigar e eles investigaram, investigaram e descobriram que era a Oniuda que estava matando eles.

Oniuda foi presa e tudo voutou a o normau.

**Guilherme**

O Ataque terrorista no avião

Começa a história em que um avião cheio de prefeito e o presidente Harrybarbi. Eles saíram de Now Yorque e queriam ir para Seattle e no meio do caminho passaram em Chicago, e entrou dez homem, eles estavam com uma cara estranha. O guarda de Harrybarbi foi na sala de arma, e pegou uma bomba a gás, quando estava saindo o gás os dez homens pegaram muitas armas e munição e colete aprova de bala sem querer um deles deu um tiro no vidro e quebro cinco homens morreram. O presidente correu e pegou uma pistola e uma metralhadora e uma faca, faqueou dois. Pegaram a família de refém e o Harrybarbi foi na cabine de controle e viu que passou de Seattle e ficaram sem combustível e chegou um ajato boeng e gostaram e os três terrorista foram metralhadam e morreram todos passageiros foram para o boeng e o avião caiu ao mar e viveram felizes para sempre.

**Gabriela C**

A história vai se passar em uma floresta mal assombrada. E lá no meio aziste um castelo onde mora uma Bruxa, fantasma e um menino e uma menina que vai passear por lá.

#### Uma floresta mal assombrada

Um dia um menino e uma menina, estava andando com os cavalos deles.

E eles viu uma placa dizendo:

- Não prosiga perigo. Mas o menino e a menina continuou andando e derepente eles viu a floresta a menina falou:

- Nossa eu nunca vi está floresta:

- É nem eu o menino falou:

Vamos continuar andando irmã vamos.

Eles tinham andado até o meio da floresta.

Então eles viu o castelo e eles tinha ido até o castelo a menina falou

- Olha vamos ver o que tem neste castelo ai tabão

O menino e a menina se chamavam.

Adriana e o menino Pedrinho.

Olha Adriana ali a luz está acesa vamos ver o que tem lá. Eles viu a bruxa a Adriana falou:

Pedrinho vamos em bora daqui. Não vamos entrar lá no castelo não.

O Pedrinho entrou e a Adriana entrou também.

Eles estavam subindo a escada quando eles viu o fantasma. Eles deceram a escada gritando e a Bruxa falou:

- O que está acontecendo aqui.

E o Pedrinho e a Adriana estava escondido atrás do sofá.

E a Bruxa viu os dois e eles saíram correndo e a bruxa correndo trás dele.

O Pedrinho e a Adriana correram muito e eles conseguiram escapar da bruxa.

E eles foram correndo para casa e eles contaram tudo que tinha acontecido para os pais deles.

E eles nunca mais eles, voltaram lá na floresta mal assombrada.

**Lucas H**

Esta hestoria vai acontecer no orfanato.

Era uma vê, ne um orfanato muito calmo um bando de criança jogando Bola.O Ricardo um menino muito simpático tinha chutado a bola dentro da secretaria a diretora no momento estava no telefone e era um cara ameaçando em botar fogo no orfanato a diretora estava em pânico e desligou chorando.O Ricardo perguntou:

-O que tinha acontecido ela:falou:nada foi apenas um trote! o Ricardo falou: mas se foi um trote porque que você estava chorando nada, nada pegue sua Bola e continua á jogar dias se passaram e nada tinha acontecido e eles foram a um passeio todos os funcionários e os orfans, condo eles estava cose chegando eles de bombeiros voltando a diretora do orfanato desconfio, na hora que ele chegaram no orfanato era tarde de mais o fogo já tinha destruído tudo e já tinha se apagado os funcionario e os orfans foram para uma mancão no meio da cidade fantasma muito longe da cidade normal eles entraram e o Mauricio foi lavar a mão e a água saio sangue e le asustou e correu para contar para os outros ele não acreditaram e foram comer,na hora que eles abriram a gera dera tinha muitas cobras, aranha, escorpioao, bizoro e bolas de sangue eles entraram em passiao e correro para fora da casa mas a porta tinha se trancado sozinha e eles foram ligar para o padre mas so que na hora que a diretora pegou o telefone o mesmo home que fez ameaça a o orfanato e ele falava os nomes das pesoas que eles já tinha matado ou que ia matar o nome da diretora estava lá e um orfam olho pela janela e véu um homen vendo para casa e ele estava com um livro na mão e entrou por sorte deles era o padre com a lilla mas todos os escritos da billa tinha sumido o padre mandou todo mundo resar junto com ele as letras tinha parecido e estava ficando tudo norma e ficou depois o padre bensel a casa todo para ter certesa que não ia acontecer mas isso e a crianças e os funcionário ficaro anos lá e não aconteceu mas.

FIM

**Larissa I**

História: Vai-se passar numa floresta assustadora

título: A floresta assustadora

Era uma vez dois meninos e duas meninas que queriam entrar na floresta, ai eles concordaram entrar na floresta no sábado. Quando chegou sábado de manhã eles foram entrar na floresta quando eles entraram eles viram uma coisa. Estranho, todos eles pensaram.

-Será que é um fantasma ou um lobisome?

Victor disse:

-A Anna e a Renata estão com medo.

Elas responderam:

-Nós duas não estamos com medo tabom Victor e Lucas.

-Então tabom, vamos continuar andando.

Quando eles estavam no meio da floresta veio um fantasma veio um fantasma tão assustador que eles comeram a correr tão rápido que nem um avião.

Eles voltaram para casa para almoçar.

Depois que eles acabaram de almoçar.

Eles voltaram para a floresta e no meio da floresta eles encontraram um lobisome e eles levaram um susto tão grande que eles falaram:

-Nunca mais eu volto nessa floresta.

Victor, Lucas, Renata e Anna disseram:

-Nunca mais eu boto os pés nessa floresta.

Isso virou uma lenda, porisso que se chama floresta assustadora.

**Lucas J**

A floresta mal assombrada Ela é grande e se chama Perigosa:

A noite aparecia coisas estranhas e a família que mora lá perto dela sempre eles tinham medo, a janela batendo e com eles assustados e a mulher saiu la fora a noite e ela viu um lobisomem e ela ouviu ele falando: \*você vai morrer. ela saiu correndo pra casa e ela saiu de carro e o monstro voutou na floresta e a mulrer chamou a policia e a Policia falou: Mude-se já porque esse monstro e perigoso E eles mudaram e eles viveram felizes para sempre.

## ANEXO 3

### transcrição das fitas

Este anexo se encontra na seguinte disposição:  
Lendo a parte em negrito guiarão o leitor;  
Na outra parte pode-se encontrar  
todos os diálogos ocorridos

#### Fita 1

Aluno: Pára véio ela tá fazendo o bagüio aí...

Caru É o seguinte...tá.

Aluno: ai, que legal.

**Caru: vocês já foram gravados alguma vez?**

**Alunos: NÃO / JÁ (todos respondendo juntos).**

**Caru: quem já foi gravado levanta a mão!**

Aluna1: na primeira série lembra.

Caru: Tem gravadorzinho... você foi gravada aonde? Que Qui você falou?

**Aluna1: ...não, aquela lá, estagiária.**

Aluna2: é eu também.

**Aluna1: loira...**

**Vários alunos: ah...a Mariana.**

**Aluno : foi a Mariana não foi?**

**Aluna: mas teve a outra também.**

**Aluna3: eu fui grava no Gil Carlos.**

**Caru: que qui vocês gravaram.**

Alunos: eu...ah...palavras.

Aluna: fez pergunta pra gente.

**Aluna4: o Eduardo gravou e o Pedro também, eu tenho uma fita.**

**Caru: 'Cês gravaram o quê?**

**Aluna4: uma fita do parquinho...**

**Aluno3: Ah...eu lembro tá nós gravamo.**

**Aluna4: no dia de natal lá, todo mundo dançando lá foi.**

**Aluno3: ah eu lembro.**

**Adriana: A vez que eu fui gravar “deu mó asneira aqui pra escola” eu acho que foi na primeira ou na Segunda série a moça me perguntou uma série de coisas assim: O que ce acha da escola? O que ‘cê acha da sua professora? (ao mesmo tempo dessa pergunta um dos alunos estava mandando um colega embora com um tchau imperativo e eu disse Shshshshshshsh) Que qui você acha dos seus colegas?**

**Caru: Se cê que ficá cê pode fica.... então tá, então volta pra sala que depois cê vai sabe o que agente vai faze... vai, pra sala! Então é o seguinte... vou contar o que agente vai faze. 'Cêis se lembram a última vez que agente tava aqui?**

**Alunos: Ahã...eu lembro...é.**

**Paula: eu lembro, eu lembro...dá história.**

**Caru: aquela mulher da história.**

**Aluno: O Lucas tava contando sobre o passarinho dele lá...**

**Caru: O que a gente vai faze hoje...**

**Luiz: ah tia, da história que ce mando eu pra classe.**

**Caru: foi... foi aquele dia lá.**

**Luis: ...o último dia que ce veio.**

**Caru: que você fico rebolando aqui.**

**Aluna: O Eduardo fico rebolando...**

**Caru: Então, é o seguinte. O que a gente vai faze aqui é assim: agente vai volta a brinca com história, só que hoje agente não vai escreve alunos: Eba!!!**

**Caru: Só que é assim... presta atenção, presta atenção. Eu vou faze... eu vou começa uma história (pode conta-aluno) e aí depois essa pessoa que vai continua(Eu já fiz isso na minha catequese - disse Adriana), depois ela vai continua, depois ela vai continua, depois ela vai continua...**

**Aluna: Iiiiiiiiiiiiiiiii.**

**Aluna: Ah não eu não vou...**

**Balburdia.**

Caru: Não...Gente!

Pedro: Eu posso, eu posso .

Balburdia.

Adriana: O Pedro, senta no lugar.

**Caru: Por favor, por favor... senta no lugar... então, então vamo  
faze assim... quem já brinco disso?**

Aluna: Ah não tia, não vou não.

Aluno: Eu não.

Outro: Eu que não (com voz esganiçada).

Outro: Então sai daqui ô.

**Aluna do meu lado esquerdo: Eu nunca brinquei tia.**

Caru: Calma... gente, péra um pouquinho, péra um pouquinho.

Umás cinco crianças falando juntas.

Caru: eu vou começar...

Passsei um momento sem gravar discutindo sobre onde se passaria a história.

**Caru: Castelo, como que vai ser esse castelo?**

Aluno: vai ser...

**Luis: Vai ser preto e branco.**

**Alguém no meio de várias vozes: de outro.**

**Caru: Vamo fala um de cada vez?**

**Aluno: Vamo!**

**Caru: Então ó: o castelo vai ser todo de outro. E em volta do castelo  
o que qui têm?**

**Vozes: Rio/ Rio/ Rio/ Vai te rio/ Em volta, em volta/ Tem água, tem  
água, tem água Fresca/Vai Ter água fresca.**

**Caru: Tem um lago então?**

**Vozes: um laguinho assim/ Em volta assim com jacaré/ E para sair/  
Soldado soldado.**

**Caru: Gente, gente( bato palma) shshshshshshshs... volta aqui, volta  
aqui, volta aqui. Olha, volta aqui Pedro, ô dois, volta logo. Entendi (eles**

dizem algo pra mim). Olha, agente precisa falar um de cada vez, senão eu não vou conseguir tirar essa história e agente não vai gravar e depois eu não vou conseguir... escrever essa história junto com vocês.

**Gabriela:** Ah, vai um de cada vez então tia!

**Caru:** Então olha, agente já chegou a conclusão que tem um castelo, em volta tem um gramado preto e branco.

**Alunos escandalizados (hããããã), primeiro bem baixinho, depois mais alto: verde... verde.**

**Caru:** Verde?

Aluno: Lógico! Preto e branco?

**Aluna:** Tem um rio com jacaré.

Caru: Ah... porquê não?..... **Tem um rio em volta do castelo com jacaré**

Luis: Preto e branco... então...rosa...

**Aluno:** tem soldado soldados.

**Aluna:** Tem rosa cheirosa.

**Caru:** Levanta a mão pra fala.

Aluna: Tem uma floresta lá no (várias vozes).

Luis: Ah... tem rosa.

**Caru:** Shshshshshshshshsh, levanta a mão aí fala, levanta a mão aí fala. Olha...

Aluno: eu eu eu.

**Caru:** Fala Pedro.

**Pedro:** Tem soldados.

Aluno: Tem uns cachorros.

Caru: Tem soldados nesse castelo...fala alto.

Resmungos...

**Caru:** Fala.

**Aluno:** cala tua boca e solta o nariz....(risadas).

**Caru: Fala José Luis.**

**Gabriela: Tem lago e...rosas cheirosas.**

**Aluno: tá bom...**

**Gabriela: ...e tem uma floresta na frente.**

**Caru: tá.**

**Luis: Vai Ter vários cachorro, vai Ter o irmão do Fellipe lá  
(risadas).**

**Caru: quem é que mora no castelo?**

**Aluna à minha esquerda: Princesa, rainha, rei, etc.**

**Caru: Não, nesse castelo.**

**Luis: ...e a irmã dela?**

**Outro: ...e o pai dela.**

**Outro: Eu é que moro nesse castelo (risadas).**

**Caru: Você que mora no castelo? Então que qui 'cê faz lá?**

**Aluno: É que ele é meu filho.**

**Aluno: é que ele é o folgado do shopping.**

**Outro: só come.**

**Caru: Ele só come! E qui mais?**

**Aluno: é que ele é muito gordo e a baleia...**

**Aluna: ele.**

**Caru: Shshshshshshs.**

**Aluno: Eu sou o rei do castelo...**

**Vozes todas juntas (tia tia tia/ o Guilherme é mau criado/ ô tia/ ô tia).**

**Caru: Shshshshshshshsh, volta aqui!**

**Várias vozes.**

**Caru: uma carroça... não é melhor uma carruagem?**

**Gabriela:** Têm uma carruagem com cavalo (outra criança também disse com ela) branco, (outro aluno disse antes e ela completou a frase) todos os brancos eeeeeee....

**Vários juntos:** O rei, a rainha, a princesa e o príncipe/ e os filhinho dele, e os filhinho deles.

**Caru:** Certo.

**Paula:** e o príncipe pode ser um nenenzinho.

**Caru:** Agora tem essas pessoas que moram no castelo. E aí... o que acontece no castelo?

**Aluno:** Tem os empregado! Tem os soldados.

**Meninos:** Tem os mandante do presidente/ não que presidente(risadas).

**Caru:** Tem soldado, o que mais que tem?

**Aluna:** Princesa!

**Caru:** Tá! Só que em volta desse castelo tem lá uma bruxa que mora lá.

**Gabriela:** E a bruxa chama Bruxonilda.

**Aluno:** Ah... eu sei eu sei eu sei, pode falar? A Gabriela! Tem a Gabriela que fica ...

**Gabriela (por cima da outra fala):** Eu sou a princesa Gabriela e a e tem mais uma princesa que chama princesa Caroline.

**Outro:** aahhh.

**Caru:** de quem, da bruxa?

**Aluno:** E tem o príncipe Pedro e o Príncipe Eduardo.

**Caru:** Então, nessa história a gente tem uma rainha, um rei e dois filhos, o príncipe e a princesa. O príncipe era um bebê.

**Voices:** E é o rei/ Eu sou o rei, eu sou o rei.

**Caru:** A princesa... qual é o nome da princesa?

**Vozes: Gabriela, Gabriela (sussurros ao meu lado)/ Gabriela/  
Helena.**

**Caru: Bom, o nome da princesa é Julieta.**

**Alunos: Julieta?/ Julieta é conhecida já!/ Já é conhecida!**

**Caru: já é conhecida?**

**Aluna: Helena...**

**Caru: Tá bom, Elena.**

**Aluno: Já é conhecida, já é conhecida.**

**Caru: Não não é conhecida não é conhecida como princesa!**

Alunos: Elena da da.. naquele negócio lá...

Caru: tudo bem. E aí, o que acontece, essa princesa costumava.

Alunos: Lucia! Regina é conhecida também.

**Caru: Olha lá... Essa princesa costumava, essa princesa costumava  
ir brinca no gramado antes da floresta, ela vivia brincando lá nesse  
gramado. Só que ela não sabia que tinha uma bruxa.**

**Luis: De repente...**

Aluno: eu falo, eu falo.

**Paula: E essa bruxa era muito má e tentou raptá-la.**

(gravador vai passando de mão em mão)

**Felipe: Daí a princesa saiu correndo.**

**Aluno: E foi direto contar para o rei.**

**Luis: E o rei falou: I Qui Qui nois vai faze agora? (risadas)**

**Próximo: Vou mandar os guardas para prender ela.**

**Gabriela: O nome da bruxa chamava Bruxonilda, e ela era muito  
má, e ela fez uma poção para dar para a princesa Gabriela.**

**Caru: A princesa Gabriela estava com muito medo, muito medo e a  
bruxa, ela fez essa poção porque ela queria enfeitiça a princesa.**

Aluno: se quiser passa pra mim, pode passar, se quiser pode passar.

**Adriana:** Essa poção que a Bruxonilda fez para a princesa Gabriela era um veneno muito forte para a bruxa ficar com a beleza da Gabriela e a Gabriela ficar com a beleza da Bruxa.

Vozes: Beleza?!?!?!

Paula: Beleza!

Aluna: Da bruxa?

Aluna: não, não vou falar agora não que eu isquici tudo!

**Felipe:** só o príncipe que podia desencantar o feitiço que deu à Gabriela a tirar essa beleza.

**Aluno:** Mas a Bruxa não conseguiu fazer essa porção.

**Luis:** Um dia os pais da Gabriela falou: Filha não vai para o jardim pois tem medo da Bruxa aparecer. Mas a Gabriela como que era teimosa foi para o jardim e de repente apareceu a bruxa, e ela sai correndo atrás de novo dos pais.

**Felipe:** Menina eu já falei para você não ir lá.

**Gabriela:** Ah, pai, eu também vou Ter que ficar trancada aqui? Ah, não! Essa bruxa, deixa ela pra lá!

Aluno: Vagabunda (voz bem baixa).

**Caru:** Minha filha- falou a mãe dela- eu acho que você precisa começar a pensar nas coisas da vida, por exemplo, ce não acha que não já está na hora de você casar e parar de brincar? Ce brinca demais menina!

**Aluna:** Casá mãe, não tenho idade para isso.

**Adriana:** É, além do mais só tenho 15 anos. Eu num quero pensar em casar, eu quero namorar!

**Aluno:** Mas você não pode fazer isso minha filha! (risadas)

**Aluno:** Daí chegou o pai dela. O pai dela disse: O que você e sua mãe estão conversando?

**Luis: Mas a minha mãe pai, ela tá querendo deixa eu pra casa! Mas casa minha filha? Ce tá muito nova! E de repente um príncipe aparece.**

**Dan dan dandan, dan dan dandan. (vai Vitor)**

**Victor: Ai menina, como você é bonita!**

**Gabriela: Sai pra lá! Você é um chato! Sabe, eu vou falar para minha fadinha vim aqui faze um feitiço pra...pra deixa você im...pra pra formar você em uma pedra feia.**

**Caru: Mas princesa você nem me conhece! Como você fala isso de mim? Eu sou legal, eu gosto de brinca também e agente pode brinca junto!**

Gabriela: Deixa só eu gritar: Fadinhaaaaaaaa (sussurrou ao meu lado).

**Aluna: E além disso nem existe fada.**

**Adriana: Mamãe, que príncipe que você arranjou para mim?**

**Ele...Eu acho que ele nem tem nome tem.**

**Felipe: Tenho sim, meu nome...**

**Outras crianças: Junior Junior.**

**Felipe: Alex.**

**Aluno: Mas esse é meu segundo nome, o meu primeiro nome é Zequiel.**

**Aluno: Um bom rapaz, já conheço pelo nome. É filho de algum fazendero daqui.**

Luis: Fazen...(rindo).

Aluno: Vai procurar curral(risadas).

**Luis: Daí uns dia, passo uns dia depois. Chego o aniversário da princesa. 16 ano né!**

Outro: E o príncipe boiola foi(risadas).

**Luis:** E de repente chego o príncipe. Daí o príncipe cada vez ficava mais ficava mais se falou: você quer se casar comigo? E a princesa falou: Sim meu querido príncipe!

**Aplausos.**

**Vitor:** E depois de alguns dias eles se casaram.

**Gabriela:** Depois eu falei assim: príncipe eu não vou mais ficar com você, vou casar com o príncipe Junior! Ele é bem mais bonito e pode me levar...

**Pausa e vozes.**

**Gabriela:** sabe por quê? Porque ele é mais bonito, ele pode me levar para passear.. de charrete, ele pode me levar até a floresta e muitos mais.

**Caru:** Mas querida, não faça isso comigo querida, eu amo você!

**Gabriela:** Ama nada!

**aluna:** Mas a princesa Gabriela não sabia quem era Junior. No dia seguinte o príncipe foi procurar quem era Junior e ele descobriu que Junior era o filho da Bruxa.

**Adriana:** Mas a princesa não sabia. Ela tinha conhecido o Junior depois de alguns dias. Eles resolveram fugir.

**Aluna:** Junior...ééééé... Alex... o príncipe tentou impedir ééééé... o príncipe tentou impedir, mas não conseguiu.

**Aluno ôôôôrra...** calma aí que eu tô pensando. Deixa eu pensa um pouquinho.. Ah eu esquici o que ah, ele foi atrás dela mas o homem já tinha virado um bruxo.

**Aluno:** Quando o pai da princesa ficou sabendo que havia ééé... um outro príncipe que era filho da bruxa foi conversar com ele.

**Luis:** Mas de repente uma grande briga na floresta. O rei saiu correndo atrás da filha e do príncipe.

**Gabriela:** De repente a bruxa pegou a princesa Gabriela e falou: Há há há agora eu vou te amarrar numa árvore, vou dar uma poção para você. Aí a princesa gritou: Não papai, me ajude. Junior, me ajude. Aí o Junior respondeu: Não, ninguém mandou você casar comigo.

Luis(ao longe): è o Junior, ela não casou com o Junior não, ô anta.

**Gabriela:** Olha aqui, você é um idiota! Você vai ver:

**Papaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaai!!** (Hihihihhi)

**Aluno:** Passa pra mim aqui, eu sou o pai dela.

**Felipe:** O que qui foi minha filha?

**Gabriela:** A bruxa me pegou, vai me dar uma porção!

**Alunos:** Porção, que porção?!!! Há há há... Porção de mortadela!

**Caru:** Ó meu Deus o que eu fazer? Aí o pai foi chamar o príncipe Alex. E o príncipe Alex que amava muito a princesa, que amava muito a princesa shshshshs, o príncipe Alex que amava muito a princesa falou: Nossa, eu vou fazer alguma coisa para salvar o meu amor da minha vida, minha privada intupida!

Alunos: hahahaha, privada intupida.

**Adriana:** Mas naquele momento o príncipe, o Junior que estava virando um bruxo muito mal, com a bondade do beijo da menina que ela deu para ele, ele começou a ficar bem. Mas ela sabendo que o príncipe Alex quis salvá-la ela ficou na dúvida: Ou eu caso com o Alex ou eu caso com o Junior.

**Aluno:** Só que o Junior veio da barriga da mãe dele, ele era o clone.

Hahaha/ o clone.

**Aluno:** Minha filha, você vai Ter que casar com o Alex, não vai casar com esse tal de Junior, disse o papai.

**Luis: Daí de repente aparece o príncipe Alex para salvar o príncipe Alex para salvar a Princesa Gabriela.**

**Vitor: Ele amarrou a Bruxa, desamarrou a menina e levou ela para o castelo.**

**Gabriela: príncipe Alex.**

Caru(ao longe): Obrigada, obrigada.

**Gabriela: Obrigada, eu te amo. Mas ce falou pelo amor da minha vida minha privada entupida, mas só que eu não sou privada entupida. Só se for você, seu chato, idiota e eu vou pensar se eu vou casar com você mais uma vez. Se não eu vou largar e vou casar com o príncipe Junior o meu amor da minha vida minha privada entupida.**

Aluno: Mas eu num quero isso menina.

**Caru: Então a princesa pensou, pensou, pensou, pensou, pensou, pensou,**

**Alunos(ao mesmo tempo que a Caru falava pensou): ela não resolveu (pensou, pensou, pensou...)**

**Caru e alunos: pensou, pensou, pensou, pensou**

**Caru: ...e resolveu casar com o príncipe Alex e eles foram felizes para sempre.**

**Aêêêêê (palmas).**

